



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

JOÃO CHAGAS

DE BOND

ALGUNS ASPECTOS
DA
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

PARCERIA A. M. PEREIRA
RUA AUGUSTA, 44 A 54 - LISBOA

PRIMEIROS ASPECTOS

JOÃO CHAGAS

DE BOND

ALGUNS ASPECTOS

DA

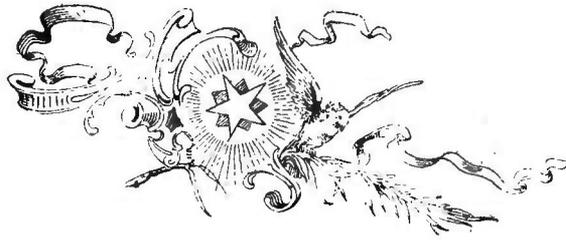
CIVILISAÇÃO BRAZILEIRA



LISBOA
LIVRARIA MODERNA
95 — Rua Augusta — 95
MDCCCXCVII

LISBOA
Typographia e Stereotypia Moderna
II — Apostolos — II
1897

DE BOND



I

PARA um europeu nascido sob a luz suave de um sol sempre acariciador, e na decoração virgiliana d'estas tepidas regiões do Meiodia, os primeiros aspectos do continente do Brazil tem qualquer coisa de temivel e assustador.

O primeiro olhar que se lança sobre a costa brasileira do alto do tombadilho dos paquetes pára assombrado e — singular impressão! — o viajante parece sentir que vae ver qualquer coisa nova, enygmatica e monstruosa como um novo mundo por descobrir, e que na realidade não é o Brazil que tem na sua frente, definido na geographia e na historia das civilisações,

senão aquella terra mysteriosa em que os velhos navegadores esbarraram com a prôa dos galeões na manhã de nevoa das aventuras maritimas, tão mysteriosa como então, ao desvendar-se pela primeira vez á gente ousada d'outr'ora, na pompa da sua sagrada virgindade. Dir-se-hia, tão singularmente alvoroçante é a commoção que se experimenta, que a imaginação tocada de sonho se compraz em conservar inviolada essa terra já hoje palpitante de todos os arranques do genio humano, e que ao seu gigantesco involucro de montanhas mantem intacto e coruscante todo o oiro que as fez brilhar pela primeira vez aos olhos pasmados dos primeiros homens que a viram, como para deslumbrar eternamente os que vieram depois.

Ver do mar o Brazil é parecer tel-o descoberto. Cada um de nós e um navegador, tres seculos recuam, o nosso trajo é outro, é outro o barco que nos conduz e, por momentos, toda a realidade desaparece para dar logar ao mais embriagador dos sonhos. Terra! Terra! — Tudo se transforma, tudo se transmuda e a memoria embala com volupia este pensamento

épico — de que somos nós, nós, os que pela primeira vez, antes de outro, revelamos ao velho mundo o segredo precioso d'aquelle mundo novo a despontar. Já a agua parece ter outra côr, mais azul e profunda, já o céu parece outro, rutilante como a seda de um estandarte novo em folha, já a viração quente de terra parece trazer-nos aos ouvidos mil ruidos incompreendidos. Terra! Terra! — mas já esta palavra não tem o banal sentido do porto a que se chega, da viagem que finalmente se concluiu, mas um outro incognito sentido, como o do annuncio de uma grande nova na historia da propria terra concebida por Deus.

Por muito tempo, flue o transatlantico á vista da costa. Um cabo dominado por um pharol ergue-se a uma altura prodigiosa e avança pelo mar dentro. É o Cabo Frio coberto de um arvoredo espesso nascido á lei da natureza desde a base ao pinCARO, como o proprio pello barbaro da natureza. A torre do pharol surprehende; surprehende o haver gente lá em cima a fazer signaes com bandeiras e a dar luz para a vastidão do mar; e, infantilmente, perante a bruta hostilidade d'aquella avantesma, pergunta-se

como foi possível construir aquillo áquella altura e como é possível que vivam homens lá dentro. Tendo-lhe passado á vista, longe da vasta sombra que projecta sobre a agua verde, o barco affasta-se magestosamente para o largo, como quem foi fazer uma visita e se retira.

A costa vae, pouco a pouco, desaparecendo, n'um diluir vago de nevoas e de nuvens, some-se o sol n'uma gloria de purpuras incandescentes, tinge se o céu azul e, n'uma apothese de flechas d'oiro, a noite irrompe subitamente, mas tão subitamente como se houvesse por suas mãos corrido á pressa sobre o dia a pesada cortina do seu manto. A terra presente-se ao rumor longiquo da vaga, fluindo como o barco, agora mais mysteriosa, mais prodigiosa, mais evocadora, por ali além, por esse mar negro fóra...

É manhã. Faz frio e uma nevoa densa não deixa vêr ao longe. Já caminhamos vagarosamente, para não tropeçar n'algum penedo.

Mas eis que uma nova luz procura romper. Pouco a pouco vae recuando a neblina que vem da agua e do céu, humida e salgada, quand o

na nossa frente qualquer coisa surge formidável, avultada e confusa.

Princiro são massas gigantescas de pedra, monstruosas e macissas. A agua está quieta, o que espanta. Dir se lia que em redor de taes monstros a agua do mar deveria estar constantemente em furia, como leões dentro de jaulas. Nenhum contorno se define. O que é, é enorme e vago. Depois, á medida que a vista vae vendo, vae comprehendendo. Não é a natureza; é o cahos—é a Creação no seu primeiro dia, e a manhã que eu contemplo, assombrado e extatico, affigura-se-me a primeira manhã do Cosmos, quando Deus, tendo concluido, disse—*Fiat lux!* e a luz cahiu, lenta e dôce como um manto sobre a terra inteira.

Estamos na entrada do porto do Rio de Janeiro.

Ignoro a classificação d'essa massa bruta de granito, como se chama tal montanha ou tal pincaro. Molles assim não teem nome. São derrocadas cyclicas, são cataclysmos. Não se denomina.—É amorpho.

O ar torna-se então mais transparente. Resta no céu uma esfarrapada bambinella de ne-

blina enrodilhando-se em pincaros altos que não se distinguem, e na nossa frente, em torno de nós muralhas de pedra dura, negra, inteiriça, emergem do mar, vindas do fundo em aparições e trepando pelo ar até ás profundezas do azul. A bordo, sobre o convez molhado, ha agitação. Homens, mulheres, creanças, tresnoitadas, os olhos ainda cheios de somno, trepam precipitadamente aos portalós e ora correm a bombordo ora a estibordo gritando que venham vêr os que ainda não viram, porque de um e outro lado, á medida que se avança, o magnificente panorama da terra americana toma successivamente proporções de prodigio. E são exclamações, palavras de pasmo, indicações á pressa na ancia de vêr, de devo-rar, de contemplar, de encher para todo o sempre os olhos de um espectaculo assim.

Aqui está o Pão d'Assucar, immenso bloco de granito, tombado á esquerda, como se o houvessem deslocado n'um movimento cheio de magestade e ao mesmo tempo de graça, parecendo assim nú e escalvado, o vestigio de qual-quer gigantesca montanha que as alluviões do diluvio houvessem subvertido e de que res-

tasse dominadora ainda, a ampla e solemne basilica do seu pinacote. Eis a barra, canal estreito, abrindo á invasão da agua do mar, a vasta bahia do Guanabara, e eis aqui está, lá em baixo, á direita, subito apparecida como n'um rasgão de panorama, a cidade, a desdobrar-se na vertente de uma alta cordilheira, sumida ainda no céu por uma espessa confusão de nevoas brancas, plantada um pouco ao acaso, na linha tortuosa da beira-mar e invadindo sem plano todos os mil accidentes do littoral, espraiando-se aqui, retrahindo-se acolá, desaparecendo para reaparecer, intercalada de serros cobertos de casaria, ora cortada de vegetação, ora sumida em arvoredos, como se fôra interrompida e recomeçada, e tendo assim de longe o aspecto de uma cidade provisoria, construida ao sabor das concessões da natureza e destinada talvez a desaparecer para dar lugar a outra.

Mas o que é a cidade perante o espectaculo d'esse estuario vasto a perder de vista, circumdado da mais grandiosa cinta de cordilheiras que porventura exista sobre a terra! O olhar quer fixar-se, quer vêr.

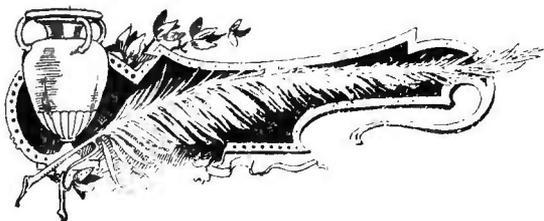
Impossível. Semelhante espectáculo contempla-se e se algum sentimento pode invadir o espirito do homem que pela primeira vez o admira, esse sentimento é o de uma extatica beatitude, o de uma quasi orgulhosa felicidade perante tão maravilhosa obra da criação.

Então, a bordo, não falta quem conheça o plano da bahia e informe. São primeiro as duas baterias fronteiras, S. Pedro, S. João; a distancia, n'uma ilha, Villegaignon. Á esquerda, á sombra do Pão de Assucar, a linda bahia de Botafogo, e por ali fóra, sempre á beira mar até ao morro da Gloria, a ridente casaria dos bairros aristocraticos, a praia do Russel, a praia do Flamengo onde a agua vae morrer docemente sobre a areia branca. Á direita, uma linha irregular de montanhas escuras esmaecendo; do mesmo lado, um grupo distante de casas brancas, como o de uma cidadezinha menor que a outra, é Nictheroy, é Praia Grande. A meio da bahia, um edificio amplo e apparatuso, como estes palacios de porcelana que nas alcôvas servem de lamparinas, parece fluctuar na agua - é a Illia Fiscal. Debalde nos indicam a ilha das Cobras, que

dir se-hia fazer parte integrante do littoral, tão confundida está com os bairros populosos da cidade commercial. Ao fundo, como dos lados, serras e serras, como cahidas em rodilhão do céu; e em toda a amplidão, em todo o immenso ambito d'esse admiravel sitio, pairando no ar e na luz, uma serena magestade e uma grandeza tal que não sabemos se vem da propria opulencia da terra, se da orgulhosa gloria apothetica do céu.

O Brazil raro é visitado por litteratos e artistas. D'ahi a saber se a seu respeito pouco mais do que o que nos revelam as suas safras de caffè e as fluctuações do seu cambio. Todavia, esse Brazil, que eu mal conheço, mas cuja magnificencia suspeito pelo pouco que vi, é dos paizes do mundo que melhor remunerariam a curiosidade do *touriste*, ávido de grandes impressões.





II



transatlantico vae n'um fio d'agua vagorosamente seguindo pela bahia dentro. Já mal se ouve espandanar as pás do seu helice; a propria corrente parece leval-o pela agua abaixo e trechos da pay-sagem, perfis de embarcações fundeadas passam n'uma tontura, como se andassem tambem. De longe, de terra, vendo vindo lanchas a vapor, em direcção a nós; um outro vapor entra, içando signaes, e passa rente a um outro negro e enorme, que já está fundeado. Mais abaixo, em frente de um pontal da cidade, cruza-se comnosco um novo *steamer* que sahe abarrotado de carga. Voltamos nos para traz e, além, approando á barra, um outro

vapor entra emquanto rente á muralha d'uma das fortalezas uma escuna vem n'um sopro a recolher panno. Em terra já fumegam as chaminés das fabricas, a brisa traz-nos aos ouvidos ruidos cavos de locomotivas manobrando ao longe e como que martelladas de fórja. Approximam-se pequenos botes de remadores brancos e mulatos gritando para cima, para o barco que continua descendo; uma lanha a vapor, arvorando uma bandeira corta-nos rapidamente a prôa e vem prolongar-se connosco, diminuindo a marcha para nos acompanhar. Toda a gente se debruça d'esse lado a ver o que é e sobre tudo quem traz, porque a primeira curiosidade do viajante que chega a terra desconhecida é conhecer a physionomia dos seus habitantes. Dizem ser a lanha da alfandega, e, com effeito, um homem ainda moço, vestindo com esmero uma farda nova, fala para a ponte, onde vac o commandante. A bordo, um reboliço de gente que se despede e se prepara desembarcar, tropeçando em mallas postas ao accaso sobre o convez, correndo de um lado a outro, dando ápertos de mão, distribuindo gorgetas aos creados impassiveis, ou

a cada passo, com ancia e commoção, debruçando-se a verificar se já chegou alguém que se espera, ou se tarda a *saude*,—porque os viajantes tão pacientes no curso ás vezes longo de certas viagens, tem sempre pressa em desembarcar e abandonar o barco que lhes serviu de casa tantos e tantos dias. Subito, nota-se que estamos fundeados. Então arreiam-se as escadas por um bordo, enquanto pelo outro já trabalham os guindastes com estridor; trocam-se as formalidades da visita medica, e um grupo de individuos invade o tombadilho, onde já os esperam passageiros promptos a partir. O ruido e a confusão são enormes. Ouvem-se gritos, ordens, exclamações, palavras cortadas, choro e silvos constantes de vapor. Atraz dos primeiros visitantes, outros vem, e em pouco, toda a primeira classe, em baixo e em cima, no tombadilho, na sala de jantar, nos camarotes, está cheia de gente estranha trazendo flôres na boteira, dando abraços, felicitações, e, no tumulto da chegada, entre embrulhos e malas, perguntando noticias, em conversa, enquanto os que chegam vão respondendo á pressa: — Sim, ficou bom. Deve vir no outro pa-

quete, — ainda a afivelar malas e a receber trocos das ultimas contas de bordo. Em baixo, em volta do vapor, olhando para cima com sorrisos e acenando com a mão, ainda mais gente de terra, impaciente por subir. A gritaria dos arraes é ensurdecedora; atracam-se os barcos uns aos outros, lançam-se fateixas á escada de bordo, que balança, sempre a metter gente, e, n'um momento, a agua é agitada por tantos helices a darem vapor e contra-vapor. Uns aos outros, os companheiros de bordo esqueceram-se, já não se encontram, não se verão mais, e cada um trata de sahir o mais depressa que póde. Começa a descer gente pelas escadas, recciosa de cahir, arrimada ao corrimão e segurando chapelleiras. N'isto, porém, uma nova lancha chega, conduzindo um grande grupo de individuos e uma banda de musica que vem esperar alguém illustre. Ouvem-se vivas estridentes e na escada estabelce-se tumulto entre os primeiros que descem e os recémchegados que querem subir. Ha gritos, palavras azedas, e, no alto do portaló, apparece a figura do commandante a dar ordens. Os que iam a descer retroce-

dem e os da manifestação sobem em tropel agitando os chapéus. A banda de musica, a toda a força dos seus metaes, ataca os primeiros compassos do hymno do Brazil e o ar fica vibrando de mil ruidos diversos. Então na agua placida da bahia, um navio enorme passa a distancia e da borda coalhada de gente vê-se uma alluvião de lenços a acenar em silencio. É ensurdecedor e não sei porquê todo este movimento, todo este tumulto é bello! Este porto surprehendente de pompa a receber e a despedir vapores, e toda esta gente a agitar-se, a sacudir-se, a gritar, dão-nos — não sei tambem porquê—a impressão de una vitalidade e sobre tudo de uma alegria que surprehende quasi como uma decepção, porque na realidade o que esperavamos e o que a lenda portugueza da civilisação brasileira nos ensinou não era isto.

O que primeiro vemos antes de pôr pé em terra é mais do que animador, é attrahente. Os funcionarios do porto observam uma *tenué* perfeita, no seu trajar como no seu porte; as pequenas embarcações do Estado que os conduzem são limpas, aceiadas, quasi

luxuosas, as tripulações constituídas de brancos, negros e mulatos estão bem vestidas e manobram habilmente. A propria gente que vem a bordo é motivo de alguma surpresa para o espirito prevenido. Mulheres lindas e perfeitas, homens elegantes e, o que é bem natural que surpreenda a quem chega da Europa importadora de todas as indústrias de luxo, — as mais bellas e recentes *toilettes*.

Similhante impressão tem de ser em mais de um ponto modificada depois. Nem tudo é tão agradável como o primeiro aspecto dos mensageiros de terra, nem tudo deslumbra como o espectáculo de uma manhã assim, no bello porto. Mas que importa? Ser d'esta forma recebido já é compensador, e quando, por seu turno, o viajante desconhecido e obscuro, se dispõe a desembarcar, é com alguma commoção que o faz.

*
* *

Na lancha a vapor, pintada de fresco, chapada de cobre luzente, com o seu toldo embreado e bem fixo e a sua pequena machina

bem limpa e brunida, sentados á ré em excellentes bancos forrados de tapete, ao abrigo do vento e da vaga, saudemos como nos livros de viagens, o grande barco que nos trouxe, e larguemos para terra.

Eis finalmente este demonio de paiz que fica tão longe e parece ser tão bello!

Agora, a dois passos da terra habitada que não se conhece, da nova civilisação que nos vae ser revelada, a natureza deixou de interessar-nos. O pasmo cedeu o lugar á curiosidade. A lancha corta galhardamente a agua e, com surpresa, á fresca ventania que levanta, reconhece-se que não faz calor. Este é um dos preconceitos dos viajantes que visitam o Brazil. Clima tropical, a idéa do calor systematico, obsidiante, surge-lhe ao espirito. Não o sentir, sentir fresco, sentir frio é uma surpresa. Estamos em setembro; a atmospherá é humida, a viração quasi agreste. São dez horas e o sol conserva-se encoberto; não se distinguem os píncaros mais altos das montanhas e, correndo esparsa pelas vertentes do Corcovado, a nevoa indecisa cobre-o aos meus olhos e parece suspensa sobre os confins da cidade.

Mas não tarda que cheguemos, n'este veloz marche-marche. No seu fundeadouro os brancos navios de guerra da armada brasileira parecem repousar das fadigas da ultima campanha. Indicam-me muito perto o cruzador *Republica*, que tão grande parte tomou na lucta civil e que vejo intacto e limpo, já reparado, talvez já prompto a recommençar. E logo após, outro e outro, e assim uns seis. Depois a Ilha Fiscal, que vi de longe e que continúa a dar-me a impressão de um palacio fluctuante, e, subito, para além de uma elevada e confusa casaria, uma floresta de mastros. Assim nos vamos approximando: já ouço o ruido da cidade desperta e respiro com soffreguidão a brisa de terra, que, com os cheiros acres dos caes, parece trazer um pouco do aroma bravio das montanhas. A lancha dá volta, por fóra, á ilha das Cobras, que não comprehendo bem por que seja uma ilha, visto affigurar-se-me ainda um pontal da cidade, e entra sempre veloz n'uma especie de canal, onde as paredes de altas edificações, crivadas de janellas, projectam uma sombra negra. Então creie navegar na cidade, tão grande é o numero de pesadas construcções

que se vão succedendo de um lado e de outro, e muito cerca de mim não descubro senão dokas, diques e interiores de estaleiros em plena laboração.

Finalmente, somos chegados. A lancha reduz de subito a sua marcha e entramos no que aparentemente se me affigura um novo canal, que ahi é fechado por um casarão alto, todo crivado de balas de espingarda, uma alfandega, ou a alfandega, não o sei ainda bem, e mais construcções confusas onde se trabalha. Tudo isso me perturba e me dá a impressão de uma vida febril. A lancha encosta a uma escada de pedra. Em cima, á beira da muralha, ha muita gente vendo desembarcar passageiros dos paquetes. Entro, com effeito, por uma larga porta, n'um vasto deposito, e, estupefacto, de mala em punho, atravesso entre duas filas de raparigas vestidas de branco como virgens de procissão, munidas de grandes *bouquets*, e que parecem esperar alguém. Rapidamente, um empregado diz me que posso passar e, levado, empurrado por uma compacta multidão que egualmente parece aguardar com impaciencia quem quer que seja, en-

contro me n'uma cidade em festa. Uma praça, pequenas ruas embandeiradas e cheias de povo; gente ás janellas; colchas de damasco vermelho pendendo das varandas, foguetes, repiques de sinos, o chão coberto de folhas.

O que é isto? O que é isto?

Ouçõ que chega um bispo, e, mal reposto da surpresa, de ver assim receber um bispo n'esse paiz de livres pensadores, salto para dentro d'um trem e faço-me conduzir a um restaurante, — porque, sempre que chega a terra desconhecida, a primeira coisa que o viajante faz, depois de observar as physionomias, é provar as comidas.





III



carro que me transporta, puchado por uma parrelha de mulas e guiado por um cocheiro mal posto e de má catadura, é uma especie de velha calche com um largo postigo aberto, por onde vou lançando um olhar aos logares que percorro. Não tenho a menor idéa do plano da cidade, de forma que tudo o que vejo é para mim desconhecido e não sei se estou muito longe se perto do ponto a que me destino. São primeiro ruas estreitas, escuras, entre casas vellias, de apparencia suja, habitadas provavelmente por gente do commercio, porque não vejo portas de escada, mas unicamente lojas e armazens de grandes fundos e,

nos hùmbraes de pedra, nomes de firma, inscriptas umas apòs outras — *Guimarães & Castro* — *Sousa Soares & C.* — *Sertorio Leitão Successores*. Ao andar rapido das duas mulas, a caleche corre aos solavancos por travessas e viellas entre uma população atarefada de carregadores, moços de fretes, marçanos, corretores, vendedores, compradores, negros, brancos, mulatos, cruzando se em todas as direcções, entrando aqui, saindo acoiá, fallando pouco, andando muito, uns em cabello, outros de chapéu para a nuca, sobraçando embrulhos, empurrando carroças carregadas, abrindo a grandes martelladas, em plena rua, caixas a trasbordar de mercadorias, n'uma atmospherá sòmbría e pocirenta que envolve tudo de um cheiro indefinivel de tinta de drogaría, cominhos e tabaco novo. No pavimento das ruas, feito de lages mal collocadas, sujas de lama, aguas empoçadas e detrictos, levantam-se a cada passo obstaculos. Ora é uma carroça atulhada de pipas, toda chegada ás casas mas ainda assim tomando metade da rua, ora é um formigueiro de negros conduzindo ás costas saccas de café, ora é uma carreta tombada que um

homem musculoso tenta arrancar de uma valleta, ora é um enorme caixão, meio aberto, estripado, a esvasiar-se á porta de um armazem, ora é um feixe de *rails* n'um comprido vehiculo que um carroceiro procura fazer avançar a grandes gritos e aguilhoadas. Contudo, aos solavancos, mas n'um relampago, a caleche passa por todos os meandros e entre todos os embaraços da via publica n'esta febricitante *city*, ora sobre os passeios, ora rente ás casas, fazendo parar transeuntes que se acolhem dentro dos portaes para não serem atropellados, ora sobre pranchas e taboas abandonadas, — tombando aqui, erguendo-se acolá, á redea solta. Dentro, olhando pelo postigo, cheio de curiosidade, sou a cada passo sacudido violentamente e encontro que tudo é extranho, como o será no Oriente, em cidades assim como Bombaim ou Madrasta. Mas a caleche, deixando o dédalo de becos e travessas em que se embrenhou, entra alegremente n'uma larga rua, sol de um lado, sombra do outro, sulcada de pequenos *tramways* tirados por mulinhas espartas que sacodem ao peseço campainhas de metal. Lobrigo a fachada de um

alto templo de duas torres; lindos *stores* na varanda de um restaurante, cujo nome é indicado por grandes letras douradas; á beira dos largos passeios, kiosques embandeirados annunciando loterias; na parede de uma esquina, um estendal de jornaes da manhã e folhas illustradas; um café deserto, engraxadores ociosos, e, de um lado como de outro, commercio, finanças, trafico, negocio; dinheiro, taboletas de agencias, portas gradeadas de Bancos, *vitrines* de cambistas cheias de ouro e notas, enormes cartazes annunciando vapores, espaventosos reclames a licores e drogas e, sempre, a cada porta, em cada taboleta — firmas, appellidos, sociedades, companhias, commanditas.

A esta ampla avenida vem dar a espaços outras tantas estreitissimas ruas, compridas como tunneis, e todas ellas cobertas de area-rias de gaz. Não posso na passagem rapida do carro ler-lhes os nomes, mas noto que são parallelas e igualmente compridas. Um edificio enorme, com uma espaçosa varanda de andar nobre, supportada por disformes cariatides e logo outro igualmente grande, d'onde sahe e entra a cada momento gente apressada, levam

tam se á direita, como monumentos em meio d'este bairro de commercio. Pergunta-se:— Porquê isto aqui e porquê tanta pompa? mas já a caleche tem enfiado por outra rua, estreita como um corredor e, como as outras, comprida. Então, a intervallos regulares, novas ruas transversaes se succedem, como no xadrez de um labyrintho, apertadas como travessas e longas a perder de vista; e, de um lado e de outro, pelos andares acima, as portas e as janellas, atravancadas de enormes tabaletas e *enseignes* de reclamo, relogios monstruosos, binoculos gigantescos, figuras e figurinos de pé, a chamarem a attenção de quem passa, dão-me a idéa de um immenso bazar installado ao ar livre n'um velho bairro de mercadores. Este deve ser o bairro velho, a *cité* commercial, o mercado, a feira, o sitio onde se compra e onde se vende, e, com effeito, tudo são armazens, depositos, escriptorios balcões e homens negociando em mangas de camisa. A casaria é pobre e velha, suja e sombria; aqui e ali encontra se algum predio novo ou reconstruido, mas o que á pressa vou vendo são casebres, em que pare-

em haver sido abandonados os andares superiores para se aproveitar apenas as lojas e as sobre-lojas, afim de alojar commercio. Olhando para cima, descobre-se do ceu uma tira azulada e lá do topo da rua, lançando a vista para traz, tem-se a impressão de que o velho bairro, outr'ora compacto, foi cortado ás talhadas para canalisar pela sua entranha a população.

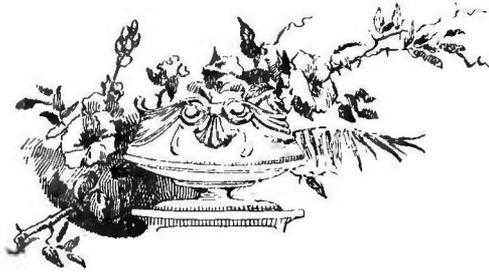
As ruas são estreitas e sujas, o pavimento é mal calçado, a casaria é velha, o espaço é limitado, o ar máo, e, comtudo, a correr aos solavaneos de uma traquitana como a que me levava através d'esse dédalo lobrego, tendo ainda os olhos plenos do panorama admiravel da enseada, a impressão que experimento, longe de ser penosa, é agradável, e sinto-me divertido e compensado, cheio de curiosidade e de interesse, porque a vida das ruas faz-me esquecer as ruas; o transeunte disputa a minha attenção, os costumes, em que logo suspeito uma grande vivacidade, attrahem já o meu espirito, e o movimento, a agitação, o passo apressado de toda a gente, os pequenos *tramways* passando a todo o trote carregados de passageiros, os carregadores a empurrarem carre-

tas de mão, as carroças descarregando ás portas, o ruido, o borborinho, o ar que todos tem de quem vae a negocios, de quem tem que fazer — uma apparencia de fartura, de riqueza de bom lucro, de abastança geral, dispõem-me bem para essa nova civilisação, que poderá não ser brilhante, mas que desde logo suspeito solida e feliz.

Seguêm-se mais travessas invias, um largo, uma igreja, um casarão que tanto pode ser um lyceu como um quartel.

Fatigado, recosto-me na caleche que, subitamente, pára á porta do restaurante.





IV



restaurante define. A lista de uma casa de pasto é muitas vezes um elemento de critica social. Saber por que maneira um povo come, é penetrar na sua vida intima, conhecer o-seu gosto, apreciar o seu character. Hoje em dia, comer já não é como outr'ora — alimentar-se. Comer é revelar-se.

Os povos modernos tem os seus alimentos predilectos, como tem as suas canções, as suas danças e os seus jogos favoritos, e, segundo o que elles comem e pela fôrma por que comem, assim se póde frequentemente estabelecer o seu modo de ser e de pensar.

Os francezes comem pouco e comem bem.

Sabem comer, isto é, comem com esmero e com frugalidade, isto é, com preceito. Na sua meza abundam os pratos delicados, como as aves e certos legumes saborosos e leves, os molhos brancos, os queijos frescos e a manteiga sem sal. Os francezes são sagazes e são espirituosos; tem a graça que é d'elles, e essa subtil faculdade de tudo reduzir a formulas transparentes e faceis, que nenhum outro povo possui como elles e que faz com que elles tenham sido, de todo o tempo, os mais dextros operarios do pensamento. Toda a intelligencia humana é, por isso, tributaria da França e toda a idéa que pretenda correr mundo tem forçosamente que receber o carimbo do seu genio. A sua meza é futil; é futil o seu character. A sua cosinha é feita de ninharias: salchichas, rabanos e rodellas de limão; o seu espirito é ninharia — canções, ditos, motes e noticias de jornal. Com uma comedia fazem uma revolução, um pamphleto leva-os á barricada, os seus heroes vivem um dia, e uma mulher cantando estribilhos é peor inimigo dos seus governos que todos os seus publicistas e tribunos.

Veja-se o inglez. O inglez come muito e

come mal. Atasca-se em carne e encharca-se em liquidos. Come carneiro ás postas e carne de vacca em sangue, *puddings* de cebo e batatas cosidas. Bebe a cerveja que embrutece, ou o chá emolliente. O vinho embriaga-o. O inglez é pesado. Tem a intelligencia necessaria para se governar, no seu lar e no seu Estado, mas só essa. Entende do que precisa e nada mais. Sabe, além d'isso, que existe a Inglaterra. Munido d'este conhecimento, vive bem. Os seus jogos são brutalidades, a vida dos seus clubs brutalidades, as suas luctas politicas brutalidades, os seus prazeres como os seus vicios, brutalidades — carne em postas, carne em sangue. Tudo quanto cria é bom, isto é, duradouro, e em tudo quanto faz ha um pensamento barbaro de dceza, desde as suas leis até ás producções do seu genio industrial.—Só um inglez poderia ter inventado a galocha. Para se embriagarem, os francezes fizeram o delicioso *Champagne*; os inglezes fizeram o *Gin* abominavel, que os embriaga e ao mesmo tempo os aquece. Os francezes dizem — *Atraz de tempos, tempos vem, Les beaux jours viendront*; os inglezes dizem — *Times is money*.

Aqui temos nós, por exemplo, os hespanhoes. Conhece-se porventura povo que se alimamente com mais caracter? Dos chamados povos civilizados, o hespanhol é seguramente aquelle que mais resiste á influencia das civilisações extranhas e o que menos se deixa penetrar por costumes e habitos alheios. Portugal assimila tudo ; a Hespanha nãda. A isto se chama ter caracter, isto é, ter conformação. Na cosinha hespanhola não ha vocabulos francezes ; tudo é á hespanhola e em hespanhol. A lista de *Fornos*, o mais elegante dos caffès de Madrid, é toda redigida em hespanhol. Isto esclarece. Um povo que não redige os seus *menus* em francez, é indubitavelmente um povo de caracter. Quando uma nacionalidade desce a cstes detalhes, o seu feitio moral está estabelecido.

O modo de alimentar-se dos hespanhoes é caracterisado pela ferocidade, no uso dos alimentos crús, como os tomates e os pimentões maduros, que elles comem cortando-os simplesmente ás talhadas com uma navalha, ou ainda no uso da propria carne, que a muitos tenho visto comer crúa, com alguns grãos de sal. A

esta alimentação barbara corresponde, no temperamento hespanhol, um equivalente de barbarie. O homem é o que come. Dize-me o que comes, dir-te hei quem és. O hespanhol é cru. Comer carne crua, pimentos crus, tomates crus é definir-se. O hespanhol é apaixonado, violento, sanguinario. O seu ideal é a bravura e de bravura são feitas as suas palavras, os seus movimentos, os seus gestos.

O allemão, planturoso e sentimental, come carne assada em compota de doces; o portuguez patriarchal e honesto tem a meza lauta—gallinhas cosidas, arroz de forno, frangos, perús, leitões e cabritos assados, a negra azeitona dos seus olivae, o seu azeite em amotolias e o seu vinho espumante em canecas de barro.

*

*

*

Munido d'este velho preconceito, entrei no *Mongini*. Chamava-se assim o restaurante.

O restaurante *Mongini* tem interiormente o aspecto de um dos muitos *restaurants à prix fixe* de Paris — sala espaçosa, peque-

nas mesas cobertas com toalhas de irreprehensível aceio, alguns cabides, um *lavabo*. N'uma palavra, banal, decente, mas sempre agradável, porque, em virtude de uma prevenção que eu mesmo não sei explicar, se espera peor. Noto, sobre uma *étagère*, grande numero de pratos com comidas frias, já feitas, aguardando apenas que as peçam para serem aquecidas.

Explicam-me que é um costume e que assim, quem chega poupa-se ao incommodo de percorrer a lista dos pratos do dia, escolhendo sobre o aparador aquelles que mais lhe apeteçam. Eu, no entanto, reclamo a lista. Quero ver a lista, porque a lista é o meu primeiro documento. Vem a lista, que um creado, de maneiras sacudidas e sem traço especial que o distingua, colloca um pouco bruscamente sobre a mesa a que me sento. Abro-a, e, em duas longas folhas de papel, leio uma interminável enumeração de iguarias. O que primeiramente me choca é que essa lista está eivada de vocabulos estrangeiros. Por outro lado, noto a cada verba, nomes proprios de aves de caça e de legumes do paiz, e, com as genui-

nas expressões portuguezas de *cosinha*, certos diminutivos como *mãosinha*, *picadinho*, *cozinha*. Como iguarias,—tudo, tudo o que eu não conheço e que suspeito picante, ardente, diabolico, extravagante e apetitoso. Se o restaurante é banal, a lista não o é. —Tudo são camarões, ostras, carangueijos, picados, *ragoûts*, dôces, compotas, conservas e uma data de nomes raros, taes como *moqueca*, *farofa*, *churrasco*, que me desorientam e me attrahem. Pêço *cosinha* brasileira e ponho-me a comer, com curiosidade e com fome.

O creado mostra-me uma lista opulenta de vinhos e dá-me á escolha Chianti, Pommard, ou Bordcus, vinhos da Hungria ou do Rheno, n'uma pompa que me deslumbra e me vexe, e como eu hesite, propõe-me Virgem. Virgem? —Pois seja! Venha vinho Virgem.

Lembra-me que no meu almoço houve herbas picadas com carne picada, á mineira, camarões picantes com talos de palmito cosido, bananas fritas em manteiga, assucar e pó de canella, um excellente Camembert e um delicioso caffè, e que fiquei um pouco sobressaltado quando o creado, apresentando-me o total

da conta em um pedacito de papel, me disse que eram — *cinco mil e quinhentos*. Logo, porém, me repuz deitando calculos ao cambio, tarefa em que, de resto, occupa bastante tempo o estrangeiro recémchegado ao Brazil, depois do que, accendendo um d'esses morenos charutos da Bahia que fazem a reputação universal do tabaco brasileiro, me entreguei ao prazer de raciocinar.

O brasileiro — pensei — deve ser isto. Sensual e guloso. Estas comidas traíçoeras o indicam; esta lista de iguarias o diz. Diagnostiquemos: as comidas picantes e assucaradas denunciam paladar viciado, habitos de goso, sybaritismo. Os povos que abusam do assucar são essencialmente voluptuosos. O Oriente é todo assucar. A sentimentalidade allemã é feita de volupia transcendente; por isso os allemães adoçam com geleas as carnes verdes, como a dulcificar o acto material da nutrição, espiritualizando-o. O assucar está para a carne como o amor platonico está para o amor sexual. — O allemão é platonico.

Por outro lado, os carinhosos diminutivos portuguezes — *mãosinha, cozinha, etc.*, dizem-

nos a indole amorosa da raça portugueza, tão famosa por tão enamorada, subsistindo nos elementos ethnicos da nova nacionalidade. *Mãosinha de carneiro, coxinha de frango*, não é banal: é symptômatico. Mas o portuguez não diz *mãosinha de carneiro*: diz *mão de carneiro*, e quando emite ou escreve o diminutivo *mãosinha* applica-o á mão da mulher, se é pequena, ou á mão da creança, por ser pequena. Tudo se explica — o portuguez é amoroso, o brasileiro é amoroso e voluptuoso. O portuguez ama a mulher; o brasileiro ama a vida. Para o brasileiro, a meza é um dos bons regalos da vida. — Assim elle imprime ao acto material de nutrir-se a mesma volupia e o mesmo goso que applicará ao acto immaterial de amar, e se come com exaltação, designa os alimentos de que se nutre com interesse e carinho.

Dir-se-hia absurdo, mas é assim. — Pedir *mãosinhas de carneiro* n'um restaurante parece um acto trivial e comtudo é uma revelação. — Pedir *mãos* de carneiro é querer comer; pedir *mãosinhas* é querer gosar.

Mas o estudo d'essa lista de restaurante não

me conduziu apenas ás presumpções que acabo de enunciar. Uma das faces do character da raça parecia-me estabelecido, e o meu espirito ousou ir mais longe.

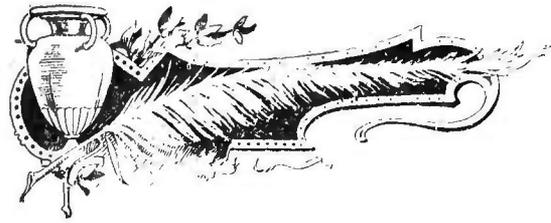
Percorrendo attentamente as duas laudas de papel notei com escrupulo, além de uma rara abundancia de vocabulos francezes, inglezes, italianos, como *oxtail*, *petit-pois*, *risoto*, o que me pareceu significar cosmopolitismo, exotismo, influencia estrangeira, una desordem e um tumulto pouco vulgares na enunciação d'estes documentos. Em geral, as listas dos restaurantes são methodicas. N'esta não só não havia methodo, como havia confusão. As iguarias não vinham indicadas segundo a ordem habitual por que são servidas, ou em grupos e cathogorias, mas enumeradas ao accaso, como n'um inventario de copa, feito á pressa. Depois, como o papel não chcgasse, o copeiro, provavelmente, escreveu nas margens e de través, *post-scriptum*, ajuntando o resto, de modo a caber tudo.

Então, como disse, quiz ir mais longe e, tendo vislumbrado o genio da raça, tentei conceber a systema da sua civilização, a sua or-

ganisação politica e civil, o Estado, o lar domestico, o cidadão, e pareceu me que em tudo existiria como n'essa lista de restaurante, desordem, confusão, anarchia. No estatuto fundamental de um paiz que assim redige os seus *menus*, deve forçosamente haver tumulto. A sua administração deve ser má, o lar, o cidadão turbulentos. Notei por ultimo que tinha sido mal servido, que o creador, andando devagar e dirigindo-se a mim com fastio, me parecera inconveniente, e que o proprio cocheiro pouco antes me tratara com rudeza; e, recompondo impressões, cheguei a esta formula — indisciplina, rebeldia de classes, vida civil desregrada.

O charuto estava a concluir e, com o seu fumo, o meu paradoxo. Tendo encetado a digestão n'esse estado saudavel de espirito em que a vida nos parece boa de viver, levantei-me da meza, estiquei as pernas, sacudi os bolsos e, tendo deixado a guardar a minha maleta, sem mesmo cuidar em alhojar-me, pedi que me indicassem a rua do Ouvidor.





V



OI ali pelas duas horas da tarde d'esse dia outonal de setembro que me encontrei subitamente n'essa famosa rua do Ouvidor. Haviam-me advertido de que era perto e, com effeito, não era longe. A dois passos me encontrei n'ella e dentro d'ella, como quem enfia por engano n'uma travessa, e foi a passo e aos encontrões, ora olhando a multidão que a enchia e me enrodilhava, ora levantando a vista surprehendida para as mil coisas novas que me cercavam, que eu a atravesssei pela primeira vez, encantado e maravilhado de tanta vida, de tanta agitação, de tanto ruído.

A rua do Ouvidor é estreita, como o poderá ser a calle de las Sierpes, de Sevilha; é, como dizem os hespanhoes, um *callejón*, mas, dentro d'esse *callejón*, quanto movimento e quanta alegria!

A mim, vindo da monotonia da vida lisboeta, o que desde logo me pareceu foi que essa rua, cheia de sombra e de ruido, estava em plena festa, que n'esse dia se celebrava ali alguma coisa, ou que por ali havia passado pouco antes algum cortejo ou procissão deixando um rasto de turba divertida e alegre, como que a estender as pernas depois de ter estado por muito tempo parada. — Com effeito, uma multidão falladora e ruidosa, em magotes ás portas ou circulando com difficuldade, ora pelos passeios, ora pelo meio da calçada, não parecia na realidade fazer outra coisa que não fosse passeiar, ou exhibir-se. Uma arcaria de gaz, disposta a todo o comprimento da rua, e um sem numero de bandeiras pendendo das janellas diziam alvoroço, regosijo. Pregões alegres cortavam o ar; vendiam-se flores no meio da rua como em dias de jubileo; das lojas regorgitantes sahia e cntrava gente; a passagem

de mulheres ostentosas, cobertas de joias, deixava um murmurio de palavras doces; á porta de redacções, grupos liam boletins — fallava-se alto brandindo jornaes; nas cinco varandas de um hotel, cinco vistosas matronas envoltas em amplos penteadores, carregados de rendaria, os dedos cheios de aneis, a face tocada de uma chamma de carmim, olhavam á multidão, superiores e desdenhosas, como quem se mostra do alto de um throno. O borborinho, a animação dos rostos e das palavras, todo esse ruido particular de rua cheia em dia de acontecimento, como as proprias mulheres em tão grande numero e em *toilettes* tão apparatusas, pareciam indicar qualquer coisa de anormal e festivo.

Fui andando, levado um pouco na onda da turba e fui olhando sem poder fixar a attenção, perturbado e encantado por tanta coisa inesperada; e d'um lado e d'outro, dizendo prosperidade, abastança, mas dizendo ao mesmo tempo ostentação, elegancia, gulodice, garridice, seducção, ambição, luxo, uns após outros, portas com portas, occupando os armazens e invadindo os andares superiores das

casas, vi ricos estabelecimentos, casas de modas, quinqueiros, chapelleiros, camiseiros, perfumistas, pastelleiros, *bric-à-brac*, arte, *camelote*, por ali fóra, ao accaso da installação, seduzindo e convidando a entrar toda uma população caprichosa e opulenta, ávida de prazer e de apparatus, impaciente por civilisar-se até ao ponto de exceder a propria civilisação, e reclamando para nutrir-se, para vestir-se, para viver e gosar, tudo quanto é bom, caro e ostentoso. E nas *vitrines*, como ás portas, em exhibições apparatusas, foi um perpassar de coisas ricas, desde os chapéus modelos que em Paris só gente opulenta póde adquirir e que no Brazil qualquer vulgar *grisette* se permite usar, até as magnificentes sedas de Lyon que toda a mulher brasileira arrasta e de que cobre todo o seu corpo, feito para a gloria da *toilette* e para a pompa do luxo. Entretanto, succediam-se, a cada esquina e a cada passo, entre as joalherias magnificas de riqueza e os grandes bazares vendendo a preços fabulosos a moda de Londres e Paris, pastellarias e confeitarias, a trasbordar de gente.

Entrei em uma d'ellas, por curiosidade, tão extranho me pareceu que houvesse tantas e fossem tão frequentadas.

Não era bem uma confeitaria, como as nossas confeitarias portuguezas, desertas e tristes como pharmacias. Era antes uma grande mercearia que vendesse doces. Está completamente cheia de gente ruidosa que disputa logares em torno de pequenas mezas de marmore, entre as quaes circulam creados com aspecto de caixeiros servindo vinhos do Porto em copos d'agua, gelados em calices de metal, doces e empadões quentes. Quem não pôde obter logar fica de pé e de pé, soffregamente e com delicia, junto de grandes fornos aquecidos, trinca empadas de camarão e *croquettes*, de que se vae servindo á vontade e sem fiscalisação, como n'um buffete publico. Sobre um grande balcão accumulam-se presuntos de York e peças de carne já preparadas, ovas seccas de peixe, postas de tainhas em escabeche, grandes queijos de Gruyère, como rodas de carro, conservas, compotas e toda a especie de come-saina. Respira-se no recinto uma atmosphaera quente de cosinha, ha um grande borborinho,

e, por momentos, ouve-se o ruído de toda essa gente junta comendo.

Sáio para fóra meio asphixiado, e, da escuridão d'esse armazem, entro de subito na claridade da rua. A's portas da pastellaria, grupos parados discutem animadamente; falla-se de politica com exaltação, um dito faz rir ás gargalhadas, mas n'isto, a passagem de uma bella mulher de olhos negros e tez côm de nespera, deixando o rasto de um perfume violento, levanta um murmurio de palavras galantes. Páro a ver quem passa, encostado como toda a gente a um humbral de porta. A rua é estreita. Um corredor, uma sala. Vê-se tudo, ouve-se tudo. Passam homens de braço dado, fallando com cordealidade, passam bandos que se conhecem, porque, a cada instante, se saúdam, passam individuos atarefados rompendo a custo entre a multidão ociosa, passam sobretudo mulheres. Quantas mulheres! Em geral vestem todas com um requintado luxo. Observo isto: que a mulher vem ver ou mostrar alguma coisa. Poucas parecem passar por accaso por essa rua atravancada de curiosos; quasi todas parecem passar de proposito e, com effeito, assim é. A

rua do Ouvidor é o *rendez-vous* da belleza feminina, e não creio haver no Brazil mulher bella que não tenha por ali passado.

As mulheres que passam se não são formosas são attrahentes. Nenhuma d'ellas tem o typo definido e austero da mulher portugueza, que quando é verdadeiramente bella é rigida como uma esculptura, ou o typo petulante da parisiense, tão feia quanto graciosa, ou ainda a marca surprehendente da mulher hespanhola, mas uma particular feição, em que ha traços de todas as raças concertados na estampa de uma raça unica,—expansiva, ardente, enamorada, voluptuosa. O typo da mulher brasileira é essencialmente amoroso. A sua physionomia respira ao mesmo tempo franqueza e confidencia — confidencia do amor que ainda não conheceu, confidencia do amor que já lhe foi revelado. Todas ellas passam orgulhosamente, nenhuma com timidez, e, por um irresistivel effluvio de toda a sua pessoa, no seu porte, como no seu olhar, ao mesmo tempo doce e dominador, cada uma d'ellas parece afirmar, passando, o triumpho eterno do Amor, a soberania indestructivel da Mulher.

Mas nem todas as mulheres que passam são bellas ou attrahentes. A cada momento, cruzam-se com lindas raparigas brasileiras, apparatusas húngaras, gordas quarentonas hespanholas, enigmaticas polacas, trajando com exaggero modas de estação, ostentando joias custosas em todo o busto e cobrindo com densas *voilettes* de seda faces que perderam a frescura e olhos que já tiveram fulgor. No entanto olham-n'as com interesse, pergunta-se-lhes o nome e ha quem lhes falle e as acompanhe ao buffete das confeitarias.

Dez minutos parado a uma porta e fico comprehendendo o papel da mulher no Brazil. N'este paiz, a mulher domina como soberana. Ouvi que o Brazil é o paraizo das mulheres. Assim o fico crendo. A mulher deve ser, entre esta raça, superior a todas as coisas. Vel-a passar n'essa rua e comprehender a commoção que ella causa, é ter reconhecido todo o alcance do seu prestigio. Inspira devoção, tem um culto. Não é a mulher companheira do homem, sua irmã de trabalhos e de penas; é a mulher idolo, a mulher sacrario. Mãe, filha, esposa ou cortezã, ella será n'este

paiz e para este povo a suprema instigadora, e a sua vontade como o seu capricho terão o cunho authentico de leis, assim no lar como nas alcôvas. Será ella quem predomine e da sua boa ou má influencia dependerá talvez o destino historico d'esta nacionalidade.

Resolvo-me no entanto a percorrer a rua toda. Esbarro com um ajuntamento á porta da redacção de um jornal, que acaba de affixar as ultimas noticias da sessão parlamentar, mais adiante páro á porta de uma casa cheia de pessoas impacientes que jogam nas corridas e nos frontões e esperam que um *book-maker*, de pé, sobre uma escada, inscreva n'um grande quadro preto os nomes dos *gagnants*. Não tenho dado dez passos que não seja novamente obrigado a parar, porque um novo ajuntamento se formou em torno de um homem alto que discute não sei que alarmante noticia politica, e, atordoado, já distinguindo mal as cousas que vejo, penetro em uma livraria que annuncia novidades de Paris.

Finalmente consigo adquirir um pouco de calma, repousar os nervos e a vista, e continuo

descendo. Um predio em obras atravanca metade da rua e n'esse ponto a circulação é mais penosa.

Sucedem-se os estabelecimentos de luxo, as ourivesarias e as quinquilherias, os camiseiros e os basares de moda, até que lá para o fim da rua, se faz uma clareira, o movimento diminue e o ruido é menor. Um grupo de policias mulatos estaciona a uma esquina, dois vendedores de jornaes apregoam lentamente, marcando as syllabas, os jornaes da tarde, uma carroça atravessa com estridor e, subito, os sinos de uma egreja começam a repicar alegremente.

Olho então para traz e, repousadamente, livre de encontrões e longe do borborinho, considero com pasmo essa ruella sem luz e pergunto a mim proprio porque razão escolheu a população de uma cidade tão bella um logar tão feio e triste para passeiar, para se exhibir e para conversar. Na luz nitida da tarde, a casaria d'esse bairro de mercadores affigura-se-me lobrego. Pcsa-me tanta estreiteza, causa-me tonturas vêr tanta gente em tão pequeno recinto, tanta falta d'ar, tão pouco sol, e

recordando que havia bellas e radiantes montanhas a ver, uma opulenta enseada, largos horisontes, corri a um tilbury que passava e, tendo recolhido a pequena bagagem que trouxera de bordo, mandei rodar para a Pensão.

E enquanto o carro me levou através o velho bairro, não quiz vêr mais. Intransigentemente, fechei os olhos.





VI



QUANDO abri os olhos rodava o carro ao longo de um canal de agua negra e gordurosa, bordado de esguias palmeiras, e que me pareceu o mais possivel fetido. Interroguei o cocheiro, que se sentava ao meu lado, e que me explicou que ós caminhos que iamos percorrendo atravessavam campos outr'ora alagadiços, que tudo fôra em tempos um grande lameiro, cujo vestigio unico era o canal que estavamos vendo; e, como eu observasse que semelhante canal no centro de um bairro que se me affigurava populoso não poderia deixar de ser um fóco permanente de infecção, cortou-me a palavra sorrindo e affirmou-me que, ao contrario, era «ex-

cellente para a saude», pois era ali que uma vizinha fabrica de gaz despejava os seus detriectus, e os detriectus do gaz tinham o poder de purificar a athmosphera. Dois homens n'um batelão, revolviam com pás o fundo do caneiro e despejavam nas margens grandes massas negras de lama. A distancia, um grupo de creanças brincava e, n'uma correnteza de casas pobres, do lado esquerdo, meninas morenas e pallidas chegavam ás janellas. Para um homem prevenido contra o clima do Brazil, semelhante espectaculo não era tranquillizador. Reflecti que um tal sitio deveria ser terrivel no tempo da febre, porque o recémchegado nunca deixa de inquirir da febre, mas o cocheiro saccudindo as redeas sobre o dorso do velho cavallo do seu *tilbury*, respondeu simplesmente :

— E' onde morre menos gente.

Pareceu-me extraordinario !

Pela longa rua que iamos seguindo passavam a cada momento *tramways* abertos, e carroças de transportes puchadas a tres mulas. O movimento de peões rareava. A' porta de merceiarias, pretos descalços, sentados nos passeios, pareciam dormir. A's portas das

casas, guarnecidas de persianas, assomavam mulheres e creanças, em desleixo. Dir-se-hia que a cidade acabava aqui e que uma outra cidade ia começar. Entretanto, o *tilbury* seguia, rua fóra, aos solavancos e aos torcicolos, fugindo dos *rails* para deixar passar os *trams-ways* e evitando a cada instante as vallas do caminho, o que se me tornava o mais possível incommodo. Observei que as ruas eram mal calçadas, com o que o cocheiro pareceu concordar por deferencia. No entanto as ruas que eu vinha percorrendo não estavam simplesmente mal calçadas, mas no mais completo abandono, o que me fez pensar que os serviços de viação n'essa capital populosa eram objecto do maior desleixo.

Deixando a linha do canal, o *tilbury* penetrou n'um bairro pobre d'arrabalde, sulcado de linhas americanas, mas quasi deserto. Notci que em quasi todas as janellas das casas terreas, reparigas ociosas olhavam a rua com tristeza, parecendo não terem occupação que não fosse a de estar á janella, e que muitas d'ellas tinham os cabellos presos com papeis brancos para se frisarem.

Rodámos por muito tempo nas ruas d'este bairro sem interesse, até que descortinei na minha frente uma alta montanha coberta de densa vegetação e em cuja vertente pareciam perder se os confins da cidade. Então, comecei a ver d'um lado e de outro, n'uma larga rua cheia de sol, ricas residencias, palacetes de estio, grades de jardins, fachadas ostentando monogrammas e armoriaes, interiores luxuosos e, por detraz dos vidros de uma ou outra janella, alguma linda senhora olhando distrahidamente para fóra. Em toda a calma e aristocratica solidão do sitio, um penetrante aroma de flôr e, cortando os latidos de um cão á porta de um jardim, gorgeios d'avcs em gaiola e harpejos suaves de piano, n'um interior de habitação.

A montanha cada vez se desenhava mais nitidamente ; já parecia vir d'ella uma tepida e balsamica viração. Tinha de me debruçar no carro para lhe ver o pincaro e, cada vez mais encantado com a doçura do sitio, ia antegostando o prazer de o habitar.

Perguntei se era longe, a Pensão. O cocheiro respondeu-me que não com a cabeça e conti-

nuou a bater com as redeas no animal, alagado em suor.

Imprevistamente, a montanha surgiu na minha frente, gigantesca e frondosa, e o *tilbary*, enfiando aos solavancos por uma estreita azinhaga, começou lentamente a subir, entre muros de quintas e casas isoladas.

Quando o carro parou em frente de um largo portão de ferro e eu vi ao cabo de uma aristocratica alameda de cascalho, entre estatuas de mármore branco e altivas palmeiras, a fachada de um bello palacio nitidamente desenhada no fundo verde-negro da montanha, tive irresistivelmente uma exclamação de surpresa e encanto.

Um creado francez, accorrendo do fundo do jardim, veio ao meu encontro, e, com a cortezia tão attrahente de todos os subalternos, em França, deu-me as boas vindas e, das mãos do cocheiro, tomou a minha malla, comprehendendo sem difficuldade que eu era um viajante e me queria alhojar.

Seguiu-o e, olhando em volta para o magnifico *decór* d'esse bello sitio, para as áleas de esguias palmeiras, para os canteiros cheios de

flores, para as estatuas immoveis nas suas peanhas de granito, ia reflectindo com doçura e alvoroço que nunca fôra tão principescamente alojado, e que, positivamente, o Brazil se me antolhava como uma das mais bellas terras do mundo.

A' porta da sumptuosa vivenda, uma governante egualmente franceza ou alsaciana, vestindo com discrição, recebeu-me amavelmente e explicou-me com interesse e carinho o regimen da casa, que passou a mostrar-me.

Todas as dependencias dos dois andares do edificio, que outr'ora fôra propriedade de um rico capitalista portuguez, estavam occupadas. Restava uma alcova de uma janella só, dizendo sobre alcantis e abrindo sobre uma vertente sussurrante do Corcovado. Madame Pauline, a quem logo comecei a tratar como a um velho conhecimento, tanto me pareceu communicativa, foi em pessoa mostrar-me a alcôva — um pequeno e garrido aposento cheio de conforto e de commodidade. Mal entrei, abri a janella e, respirando a plenos pulmões o ar bravo do matto, os ouvidos cheios de ruidos de selva, os olhos pasmados de jubilo, perante

a grandiosa natureza que me cercava, pensei nas doces manhãs que passaria ali ao erguer do leito, no sussurro mysterioso que embalaria as minhas noites, e, batendo no ar com a palma da mão, affirmei com convicção que nunca mais deixaria aquelle quarto e nunca mais, nunca mais trocaria por outra aquella casa de sonho.

Madame Pauline sorria e affirmava que, como eu, todos os hospedes da casa estavam encantados. Assim o quiz crer, e, no meio da minha infantil satisfação, pareceu-me que me ia afeiçoar a essa gente desconhecida com quem passava a viver em commum. Quiz tomar posse e, sempre acompanhado da governanta, percorri sem chapeu o edificio e os jardins, e, vendo passar um homem na azinhaga, fitei-o com orgulho, porque se me affigurou que ao olhar para mim, elle me suppozera dono de uma tão rica e bella vivenda.

O edificio occupava o centro de um terreno ajardinado e plantado de palmeiras e arbustos, e fôra construido por um homem de, dinheiro, amante da pompa e do conforto. Não era de muito gosto, mas luxuoso e rico. O *pignon*

da fachada ostentava um armorial confuso, de que pendia, escrupulosamente esculpido em marmore, um cacho de condecorações. Dois ramos de uma airosa escada exterior de pedra, sob um alpendre, conduziam ao primeiro andar. Por todos os lados se abriam janellas sobre o jardim, onde, entre arvoredos, se erguiam uma capella e um kiosque, sob o constante sussurrar da ramaria das palmeiras. Era saudavel, pittoresco e apasiguador.

Positivamente, não torno mais a sahir d'aqui! pensava eu commigo.

Entretanto, Madame Pauline ia explicando que a casa fôra alugada por uma dama franceza que exercia o commercio das hospedarias de luxo e de quem ella era a encarregada. Que o aluguer custava um dinheirão, mas que não se perdia. Com effeito, o preço do aluguer dos quartos variava entre cento e cincoenta, cento e vinte, e cincoenta mil réis. O meu quarto custava-me sessenta, por ser pequeno, mas — accrescentou ella — valia mais. Isto, já se vê, independente da alimentação e dos *extras* — esse sorvedouro dos hoteis francezes. O aluguer do aposento paga-se adiantado e a *pension*

no fim do mez ; e, para melhor regularidade do serviço, a cada refeição, como a cada *extra*, o vinho, o cognac, etc., o cliente firma um vale, como a bordo dos transatlânticos. No fim do mez, com a conta, apresentam-lhe um pacotinho de vales, pelos quaes pôde verificar se está certa. Não é o que se chama viver barato, mas convem confessar que é viver bem.

Disse-me então, entre maliciosa e pudica, que na capital havia duas cathogorias de *pensão*: a *pensão de mulheres*, especie de phalanstério de damas alegres vivendo de uma ostentosa prostituição, e a *pensão de familias*, especie de *home alugado* com o privilegio de uma excellente alcova e de uma arejada sala de jantar, de um edificio, como este, muitas vezes luxuoso e, muitas vezes de um lindo parque ou jardim, como este — boa companhia, um bilhar, montanhas, aguas correntes, solidão, recreio.

Tambem havia hoteis, ao que me affirmou, mas esses eram em geral muito maus, ou fabulosamente caros.

Na Pensão estava-se em familia, e, córando um pouco, informou que havia, porém, pes-

soas que preferiam as Pensões de mulheres, mas que, por via de regra, essas pessoas não eram de boa conducta.

Na casa em que estávamos era tudo gente seria—uma familia argentina vinda do Rio da Prata a passeio, uma senhora idosa vivendo retirada, e grande numero de viajantes de commercio e empregados de certa cathegoria.

Fazia-se noite e Madame Pauline teve que me deixar, advertindo-me que o jantar era ás seis.

Subi ao meu quarto a reparar o desalinho da minha *toilette*, e, pouco depois, o toque de uma campainha annunciava-me o jantar.

Desci á sala, grande como uma sala de baile, e em torno de uma extensa meza, em que poderiam sentar-se á vontade cincoenta convivas, vi já installados umas quatro senhoras e uns tres homens, silenciosos, preparando-se para a sopa. Sem ruido, um creado circulava em torno. Sentei-me, tendo cumprimentado com cerimonia a assistencia e, passando o guardanapo entre o collarinho e o pescoço, chamei a mim o prato e o talher.

O jantar foi monotonico, como é sempre mo-

notono o jantar que se come na companhia de pessoas que não se conhecem. Os poucos commensaes que estavam á meza fallavam pouco e em voz discreta, de fórma que tendo-os observado sufficientemente, passei a olhar para as paredes estucadas da sala, ao longo das quaes corria uma fila de gravuras de *sport*, representando, em chromo, estampas de cavallos vencedores.

Tomado o *caffé*, levantei-me a tomar o fresco no jardim e, por uma janella aberta do *rez-do-chão*, vi dois homens jogando o bilhar. Na casa havia bilhar, o que achei commodo e *chic*, porque o bilhar é dos moveis de luxo aquelle que melhor idéa nos dá do bem estar opulento.

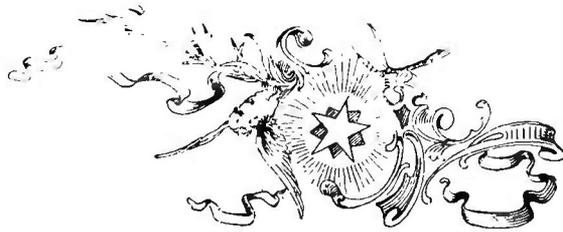
Subitamente, ouvindo o tinir fino de uma campainha e vendo descer a todo o trote, pela azinhaga, um *tramway* tirado a mulas, senti o desejo de ir até ao centro da cidade esporear, conhecer a sua vida de noite, os seus theatros, os seus restaurantes, e, decidindo-me a vestir um sobretudo e a partir, notei com surpresa que estava todo alvoroçado, como se fosse participar do prazer de coisas para mim ineditas.

Madame Pauline, a quem pedi conselho, recommendou-me que esperasse o *bond*, e que me agasalhasse bem, porque as noites estavam frias.

Pela primeira vez ouvi pronunciar esta palavra — *bond*, e foi reflectindo sobre a sua etymologia que esperei de pé, na noite escura, ao portão do jardim, que passasse outro carro que me conduzisse á cidade.

Um cantar triste de cigarras estridulava no espaço. Das montanhas vinha uma fresca e acre viração, e o silencio pareceu-me ter n'esse sitio ermo e asselvajado, o quer que fosse de mysterioso e perturbador.





VII



bond que passou vinha vasio. Era um d'estes carros americanos, abertos, em plateia, como os que circulam nas ruas de Lisboa, de verão. O cocheiro não vestia uniforme especial. Trazia na cabeça um grande chapéu de feltro de abas largas, e o conductor usava um bonnet, de grande palla de tartaruga.

Paguei com um nickel de duzentos réis e sentei-me no banco da frente para ver melhor o aspecto das ruas, de noite. A cada passo o carro parava para receber ranchos de senhoras em cabello, vestidas com luxo e acompanhadas de individuos em trajos de *soirée*, que pareciam dirigir-se a algum espectáculo ou

baile, mas, em geral, os homens subiam sem mandar parar, com uma agilidade e uma segurança pasmosas, apesar das mulas trotarem rijamente e o carro seguir com grande velocidade.

Reconheci as mesmas ruas que atravessára de dia, ao vir para a Pensão, e o mesmo arrabalde pacífico. No interior de mercearias, encostados ao balcão, bandos de negros fumavam; em muitos bilhares installados em salas do rez-do-chão, com janellas para a rua, jogava-se á luz amarellenta de bicos de gaz; á porta dos jardins, brincavam creanças vestidas de branco e, por entre as cortinas das janellas de certas residencias ricas, lobrigavam-se interiores de salas de visitas e pessoas sentadas conversando. Dir-se-hia um bairro de provincia.

O carro já ia cheio e, a cada instante, se cruzava com outros que vinham buscar mais gente. Quiz-me parecer que alguma festa attrahia a população do arrabalde ao centro da cidade, mas não era assim. Os brasileiros gostam muito de divertir-se e esse movimento de gente descendo á cidade é normal no Rio, todas as noites, depois do jantar.

O *bond* levava gente pendurada nos estribos e seguia sempre a todo o trote, deixando para traz, á espera d'outro, ranchos que encontrava no caminho e lhe acenavam para parar.

N'uma estação de muda, houve uma curta demora, entre outros carros que tomavam diferentes direcções, cocheiros conduzindo para dentro de um grande *hangar* as parelhas á mão, e engatadores negros trazendo gado. Depois, o *bond* deu uma rapida volta e, durante alguns minutos, seguiu ao longo do canal do Mangue, que pela tarde se me affigurara tão pouco tranquillizador.

Assim fui penetrando de novo na velha cidade, pelo meio de ruas animadas, entre lojas illuminadas e casas terreas de janellas abertas, e tendo passado junto de um grande jardim publico, ás escuras, subitamente achei-me no centro de uma vasta praça, toda picada de lumes de candieiros, estendendo-se a perder de vista, n'uma perspectiva magnifica. Os dois torreões de uma *gare* illuminada a globos electricos, appareciam monumentaes sob uma luz branca que vinha derramar-se em derredor,

fazendo dia e projectando sombras nitidas de transeuntes. A um lado da praça estendia-se, em fila, uma estação de *tilburys*, e do outro lado, sombria e macissa, erguia-se a longa fachada de uma caserna, sobre que fluctuava um estandarte verde. Circulava muita gente, entre trens e *bonds*, cruzando-se a cada passo, confeitarias abertas illuminavam os passeios, ouviam-se pregões de jornaes e apitos de cocheiros e, a espaços, dominando o borborinho, silvos roucos de locomotivas manobrando a distancia.

D'ahi por diante tudo foi movimento, animação, ruido.

Deixando para traz o recinto gradeado do jardim, o *bond* enfiou por uma rua larga até desembocar n'uma outra praça igualmente vasta, cercada de grandes edificios e no meio da qual percebi o vulto negro de uma estatua equestre. Ahi, a animação e o movimento de transeuntes redobravam. Algumas pessoas deixaram o carro e seguiram apressadamente pelos passeios, onde tudo eram lojas abertas, lojas, pharmacias e *caffés*. Do lado opposto da praça, um reflector mandava um feixe de

luz, ora para a direita, ora para a esquerda, e na minha frente, ao centro de uma correnteza de casas, levantava-se, toda illuminada, a frontaria de um club, em que allegorias de *sport* lhe davam um ar de construcção de phantasia.

O carro fez uma volta rapida n'uma curva da linha, passou rente da pesada e escura construcção de um theatro fechado e, enfiando por uma travessa, dentro da qual, entre tabernas e casas de prostitutas, se elevava uma nobre fachada manuelina, foi parar a um pequeno e sombrio largo, onde muitos cutros carros despejavam gente e d'onde outros partiam para os quatros cantos da cidade.

Apeei-me um pouco fatigado, sem saber bem onde me achava, mas pude orientar-me, graças a uma pequena e mesquinha estatua que vira de dia ao penetrar na rua do Ouvidor; e, resolutamente, foi para a rua do Ouvidor que me encaminhei, esperando encontrar algum providencial conhecido, que me guiasse.

Com surpresa minha a tumultuosa e alegre rua do Ouvidor estava quasi ás escuras. A maior parte das lojas tinha fechado, outras

preparavam-se para pôr os taipaes ; o primeiro quarteirão ainda tinha algum movimento, mas os outros estavam desertos. N'uma confeitaria erma, apenas um grupo de individuos cavaqueava em torno de uma meza vazia. Pausadamente, a voz de um mulato apregoava *A Noticia*.

Percebi que, findo o dia, toda a vida era finda e que se a capital federal tinha vida de noite, não era seguramente na rua do Ouvidor.

Achei-me então só e sem destino, desejando ver alguma coisa e não vendo coisa alguma que me interessasse.

Enfiei ao acaso por uma das estreitas ruas do bairro, entre casas que fechavam e gente que parecia recolher, e fui dar commigo a uma pequena praça toda branca de luz, aonde chegavam e de onde partiam a cada momento *tramways* electricos arrastando uma longa cauda de *bonds* e fazendo ouvir o retinir de uma forte campainha de alarme. Um monumental chafariz de pedra, mostrando uma longa fila de torneiras de cobre, e o alto casarão de um hospital davam-lhe um ar triste. Mas não ha tristeza possivel n'uma cidade tão populosa. A

praça, a que vinham desaguar cinco ou seis ruas, tinha a essa hora um movimento extraordinario. Os *tramways* succediam-se a pequenos intervallos, descrevendo, para regressar ao ponto de partida, uma curva rapida, despejando e recebendo gente, entrando e sahindo com uma velocidade de machinas, e, a cada minuto, fazendo ouvir a vibrante advertencia do seu timbre, no meio de um vae-vem continuo de transeuntes.

Entrei n'um botequim cheio, para tomar caffè. Todas as mezas estavam occupadas, mas um creado indicou-me um logar vago a uma meza já tomada por outras pessoas. Como não fosse extranhavel que eu me mettesse entre ellas, sentei-me e pedi caffè.

As chavenas já estavam na meza, em uma salva de metal, bem como o assucareiro, que não tinha concha, e em que toda a gente mettia a sua colher. Eu fiz o mesmo para não parecer extranho aos usos, e sorvi com vagar um caffè que se me affigurou delicioso. Mas, estar alli entre aquelles desconhecidos, no meio d'aquella berraria e d'aquelle bulicio, tornou-se-me desagradavel. Então, para não dar

nas vistas, porque é sempre de mau gosto parecer de fóra da terra, chamei de parte o creado, a quem pedi a indicação dos theatros, e, tendo sabido pouco mais ou menos por onde devia ir, paguei e levantei-me.

O creado fallou-me na rua da Carioca e na praça da Constituição. Não me foi difficil encontrar a rua da Carioca, escuro arruamento onde se me deparou um dos aspectos mais singulares d'essa cidade e — ia dizer — d'essa civilisação.

A rua da Carioca é, como muitas outras, habitada por prostitutas, que occupam os primeiros andares, e á noite, á hora dos theatros, descem em penteador á porta, a ver e a attrahir quem passa. Póde dizer-se que em todas as portas ha uma ou mais mulheres, sentadas, ou de pé, encostadas ao humbral, insinuando em máo portuguez, ao ouvido de quem passa, palavras de seducção. São hungaras, porque a Hungria tem no Brazil o privilegio da maior parte d'este commercio, italianas, allemãs, russas, francezas, toda a miseria aventureira da Europa vinda ali apanhar as saburras de uma civilisação opulenta e tentar pôr á venda o que já nada vale.

O que surprehende é a impudencia com que tantas mulheres exhibem o seu trafico, e a indifferença com que se annue a similhante exhibição nos centros mais frequentados da capital. Por essa rua da Carioca passa diariamente o melhor da população, os habitantes dos bairros aristocraticos, as mais lindas mulheres, as mais formosas creanças, os personagens mais conspicuos, sem apprehensão e sem escrupulo, por negligencia e por habito, como quem passa por um caneiro, que não houve meio de remover e que é, portanto, inevitavel.

Na Europa, a prostituição exhibe-se igualmente, mas não é tão affrontosa, e o Estado, que se arvora em seu tutor, regulamenta-a e modera-a. Dá-lhe bairros vedados, fecha-lhe as janellas ou põe-lhe taboinhas. Isto é ainda um horror, mas ha menor evidencia. Um mal que não se vê todos os dias, parece menos profundo.

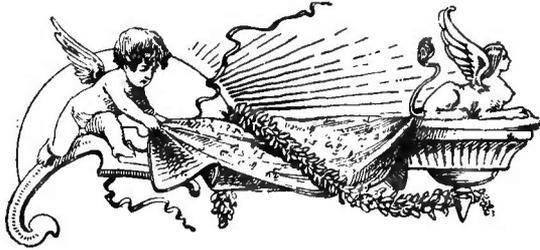
Na capital do Brazil a prostituição é livre, é franca. Installa-se onde quer, exerce-se como quer. Não tem postura, não tem fiscalisação. O Estado ignora-a; a policia tambem.

Por uma, de resto, bem entendida moral, a lei pune rigorosamente o proxenetismo, defendendo assim a liberdade individual da mulher. Reconhece-se a esta o direito de se prostituir, mas o Estado protector colloca-a ao abrigo da servidão. E' justo; mas no Brazil foram mais longe e garantiu-se á prostituição o exercicio publico.

Nos paizes novos vae-se sempre um pouco mais além do que se deveria ir.

Em outras ruas como a de Gonçalves Dias, Sete de Setembro, Senhor dos Passos, situadas no coração da cidade e de muito transito, o espectáculo reproduz-se, e quem passa, olhando para dentro das casas, vê interiores de gynecheus, escancarados, cheios de luz, chamando o transeunte, ou — o que é mais natural, — espavorindo o transeunte.

A rua da Carioca confirmou em mim esta opinião — de que a mulher, no Brazil, tem garantias excepçionaes, pois que a propria mulher aviltada possui uma mesquita para o exercicio da sua vergonha, e essa mesquita é inviolavel, mesmo para o Estado. O homem ama-a e venera-a; a lei protege-a.



VIII



praça da Constituição, onde eu me achava, é o centro mais ruidoso do Rio de Janeiro, á noite. Ali proximo são os theatros, ali os restaurantes de *noce*, ali as *brasseries*.

O sitio é mal illuminado, porque o gaz, no Rio de Janeiro como em toda a parte, é baço e triste. Do jardim, que circunda a estatua do Imperador, vê-se uma mancha indecisa, e de resto, n'esse como em todos os jardins da capital brazileira, ninguem passeia. O movimento e o bulicio concentram-se todos a um dos lados da praça, n'um estreito *trottoir*, illuminado pela claridade que vem de dentro dos bo-

tequins e das casas de comida. Ahi, a certas horas da noite, circula-se com difficuldade, por que além do passeio ser estreito, a rapaziada alegre pára ás portas a ver quem passa.

Tendo curiosidade em conhecer o theatro fui a dois ou tres, porque a maior parte dos theatros no Rio são construidos dentro de quintaes, onde se entra para passeiar e ver mulheres da vida airada. Por uma senha de entrada paga-se uma bagatella, e assim, na mesma noite, é facil percorrer diversas casas de espectaculo, sem grande desembolso.

Estive primeiro em um theatro, situado ao fundo de uma rua ou travessa lembrando o Bairro Alto, de Lisboa—suja, ruidosa, cheia de caffés onde se cantava e se tocava piano, e habitada por hetaïras de rez-do-chão. Similhante theatro não tinha o menor aspecto de construcção apropriada a casa de espectaculos. A entrada consistia em um portão de ferro, encimado por uma rosacea de gaz e vedado por um guarda-vento onde se lia, escripto a gis, o titulo da peça que se representava. Interiormente, era um barracão de taboado construido no recinto descoberto de um quintal, onde uma

multidão de pomposas *cocottes* e homens curiosos circulava lentamente, enquanto na acanhada sala do theatro, com duas ordens de galerias, gradeadas de ferro e divididas em camarotes, se cantava, para um publico attento, uma opereta do antigo repertorio.

Pareceu-me que os homens prestavam uma excessiva attenção ao rebanho de mulheres que ostentava no jardim os seus brilhantes e as suas sedas apparatusas, que as seguiam com olhares avidos e algumas vezes as disputavam a outros. Comtudo, d'entre essas mulheres, rara era aquella verdadeiramente formosa, e, entre todas, havia mesmo algumas exaggeradamente feias, o que não impedia que as cortejassem tambem. Não diríamos estar n'um logar publico, frequentado por mulheres publicas, mas n'uma kermesse de namorados. Com effeito, sentado no escuro de um velho banco, pude observar scenas de zelos mal reprimidos e verdadeiros *bouts de causette* amorosa, preludios de pugilato e promessas de entrevistas, selladas com significativos apertos de mão.

Ao contrario do que succede em toda a parte, as mulheres, vindas ali para seduzir os ho-

mens, não procuravam de maneira alguma provocal-os. Passavam entre elles como rainhas, sorriam com discrição para um ou outro conhecido, mas, seguras talvez da sua influencia, desdenhavam attrahil-os com palavras, parecendo comprehenderem que a sua presença bastava para os escravisar. Moços imberbes seguiam-n'as sollicitando-as, formavam-se grupos a discutil-as, e, quando alguma acquiescia em se fazer servir uma limonada ou um *bock* na sala do buffete, logo abancavam á sua volta cinco ou seis, ouvindo-a fallar e mirando-a com enleio.

Eu, creado no preconceito da prostituta banida e vedada, habituado a ver recusar *bocks* com brutalidade ás frequentadoras do *Moulin Rouge*, não cabia em mim de surpresa. Que extraordinario character e que chamma! pensava. E que ditosas mulheres!

D'esse theatro sahi e fui a outros, na rua do Lavradio, onde ha uns poucos.

A rua do Lavradio fica situada na circumscripção d'esse bairro de noite e é, como a rua do Riachuelo, a rua das Pensões de mulheres. A mulher facil, independente e ainda viçosa ou desejavavel, vive ali, n'essés phalansterios de

que me fallou madame Pauline e que, na realidade, não são outra coisa mais do que bordeis, onde se dorme, e onde, ao mesmo tempo, se póde comer.

O primeiro theatro em que entrei era sensivelmente melhor que o outro, apesar da sua construcção obedecer ao mesmo plano. Pareceu-me novo, ou pintado de novo, embora igualmente feito de taboas, e o jardim, estreito como um corredor, tinha um aspecto mais attrahente. Ao lado de um buffete, n'uma pequena carreira de tiro, atirava-se ao alvo; em algumas mezas, dispostas ao longo de uma parede, pessoas isoladas pareciam aborrecer-se; uma vendedeira de flores, tendo pousado a cesta, esperava a um canto que acabasse o acto.

Do jardim via-se o palco, onde se estava representando, para uma plateia meio vazia, a *Mascotte* de Audran. Como tivesse comprado bilhete, fui occupar uma cadeira e assisti a uma parte do segundo acto, representado por uma companhia exotica, em que havia estrangeiros de varias nacionalidades e alguns portuguezes — segundo mé affiançaram — fallando pessimamente o portuguez.

Findo o acto, sahi quasi toda a gente para fóra e a sala ficou n'uma grande tristeza.

Eu sahi tambem e fui a outro na mesma rua, para concluir a noite. Esse outro era o Apollo, onde uma companhia portugueza fazia furor.

O Apollo, como os outros dois que eu visitára, não tinha aspecto algum exterior que revelasse a fachada de uma casa de espectáculo. Por fóra, parecia um predio habitado, e se um renque de bicos de gaz sobre a porta não atrahisse a attenção, ninguem diria ser ali o local de um theatro. Cá temos o mesmo barracão de taboas, com as suas duas ordens de galerias quadradas; cá estão o quintal ajardinado, a palmcira rachitica, o buffete e as mesinhas redondas do botequim, a mosma pasmaceira e as mesmas mulheres ostentosas, a mesma gente e os mesmos episodios.

Uma impressão de tedio e de tristeza sobrevem.

Retiro me á pressa, como quem sahe d'um mau sitio. A' porta sou assaltado por um bando de garotos que me pedem a senha. Dois guardas a cavallo patrulham a rua, fumando. A' porta de uma taberna, tem-se levantado uma rixa

entre um grupo de individuos, que dois policias pretos tentam em vão apaziguar. Ao longo do passeio que vou seguindo á pressa, algumas mulheres, de pé, ás portas das casas, pucham-me docemente pela manga do casaco.

Encontro-me novamente no escuro da praça da Constituição e, tentando orientar-me, penso com despeito que as impressões da noite tinham vindo macular as minhas lindas impressões do dia, e que melhor houvera eu feito deixando-me fícar em casa, a gosar as delicias da minha nova installação, a garrida alcôva e a janella dizendo para a vertente susurrante da montanha.

O que eu sentira n'essa rapida visita a tres theatros e n'esse curto passeio por algumas ruas mal habitadas fôra uma profunda decepção, porque os aspectos galantes e buliçosos da vida de dia, fizeram-me suppôr uma vida de noite igualmente attrahente, elegante, aristocratica,—alegres theatros, amplas avenidas, algum *boulevard* com *terrasses* e gente *chic*, bem vestida e bem acompanhada. Em vez d'isso, um bairro de comborças, e, nos seus meandros sombrios, nas suas ruellas invias, uma po-

pulação inclassificavel de *souteneurs*, contratadores de bilhetes, soldados rasos, negros descalços, vivendo entre tabernas e lupanares, constantemente em briga.

Ao recolher, passei por um restaurante cheio de gente e entrei. Havia uma animação extraordinaria, como nos restaurantes de Paris ou de Madrid, e mulheres em todas as mezas ceian-do. Ahi, como no theatro, como na rua, essas mulheres pareciam exhibir-se e algumas, isoladas, sós a uma meza, fazendo se servir silenciosamente, tinham o ar de grandes cortezãs. Além das mulheres, homens novos e militares em brilhantes uniformes enchião a casa, conversando em voz alta, rindo ás gargalhadas, fazendo um barulho ensurdecedor.

Subi ao primeiro andar, tambem cheio de mulheres, e, n'una meza occupada por uns quinze ou vinte individuos que riam e galhofavam com escandalo, vi sentada, pavoneando-se, uma grande mulata coberta de brilhantes e vestida pomposamente de seda azul.

Em mezas pequenas, homens e mulheres em *tête-à-tête* fallavam baixinho, como enamorados, ellas sorrindo para elles por detraz do leque,

elles envolvendo-as n'um longo olhar acariciador. Todos esses individuos pareciam absolutamente absorvidos pelos encantos das suas companheiras, por tal fórma que, ao entrar, eu, surprehendido e confuso, tive a impressão de que os vinha incommodar. Com effeito, tendo-me sentado a uma meza e sendo eu o unico que me encontrava desacompanhado, affigurou-se-me que me olhavam com maus olhos, talvez como a um importuno, talvez como a um intruso e pondo-me a observar, embora com discrição, notei que, na realidade, não era bem visto.

Isto fez me sorrir, mas não só então como mais tarde, pude notar que os brazileiros são singularmente ciosos das suas mulheres.

O aspecto da sala era quanto possivel animado e, apezar da noite já ir um pouco adiantada, ninguem parecia ter pressa em se retirar. De vez em quando, um ou outro par sahía com solemnidade, mas logo outro o vinha substituir, e em todas as mulheres como em todos os homens, vi por parte de umas a mesma altivez de porte, por parte dos outros a mesma timidez, — essa timidez tão portugueza, porque só o portuguez é tímido perante a mulher.

O creado era um homemsinho baixo, de bigode, a quem nenhum traje especial distinguia, — um avental, ou um simples guardanapo no braço. Arrastava as pernas como que fatigado, e attendia mal, parecendo empenhar-se pouco em ser agradável. Não era mesmo o que na Europa se chama um creado; era de preferencia um caixeiro, ou um adventicio exercendo esse mister por não ter outro.

De resto, todos os serviços domesticos são, pelo que pude vêr, maus, e muita gente, conhecendo essa defficiencia, manda vir creados de fóra, o que lhes custa um dinheirão. Segundo parece, os brasileiros, esquecendo o proloquio francez que diz que — *il n'y a pas de sales métiers, mais des sales gens*, não se prestam a exercer mistéres que se lhe affigurem deprimentes, e quando os exercem é com má vontade e de mau humor que o fazem. O estabelecimento da Republica, trazendo consigo a formula triumphante da Igualdade, não contribuiu pouco para alimentar estes preconceitos, originariamente gerados n'uma grande indisciplina de classes, e ultimamente o espirito publico achava-se tão eivado de anachronismos.

revolucionários, que se tratavam os creados dos *caffés* por *cidadãos*, como se não soubessemos todos que elles o eram tão bem como nós.

Mas os povos novos são sempre assim: quando adoptam qualquer móda, exaggeram-n'a, logo.

Como o tempo passasse, consultei o relógio. Era uma hora e um quarto. Chamei o creado, que tardou em vir, pedi-lhe a conta, que me trouxe vagarosamente, e foi a correr que me dirigi á estação dos *bonds*, porque o ultimo *bond* dos meus sitios largava á uma e meia e perdê-lo equivalia a tomar um *tisbury*, e ser sacudido durante um bom par de kilometros por um preço fabuloso.

No Rio de Janeiro vive-se na dependencia do *bond*, porque as distancias são enormes e o *bond* é o unico meio accetavel de transporte. Perder o *bond* é muitas vezes um desastre.

Quando cheguei á estação, correndo açodado, já o *bond* lá estava, completamente cheio. Mas no Rio de Janeiro nunca um *bond* está cheio. Quando não ha logares dentro, vae-se para as plataformas, e quando as plataformas estão occupadas, pendura-se a gente nos estri-

bos. Não ha lotação. Cada qual alloja se como póde. Foi o que eu fiz, não encontrando logares nem no interior nem nas plataformas. Havendo ainda um espaço vazio no estribo, que já ia cheio, pendurei-me no estribo e foi n'esta incommoda posição, por entre ruas estreitas como viellas, quasi roçando com o meu corpo as paredes e vendo a cada momento perpassar diante dos meus olhos interiores de casebres de prostitutas, que transpuz uma boa parte do caminho que me levava á docc, á apazíguadora Pensão.

Quasi cerca de casa, obtive um logar. Fazia frio, como em Portugal nas frias noites de outono, e, á medida que o *bond* se approximava da montanha, um vento agreste e humido cortava-me as faces.

Quando recolhi e me metti na cama, tive que me agazalhar como em dezembro em Lisboa e foi quasi tiritando que passei a minha primeira noite no Brazil,—no cálido Brazil.





IX



o dia seguinte tive todas as curiosidades do viajante recém-chegado, mas a doçura da venda que eu escolhera para habitar, retinha-me em casa, como em uma amena villegiatura. Passei toda a manhã pelo jardim em traje de proprietario, um bonnet na cabeça, as mãos nos bolsos, um cigarro na bocca. Fui ver a criação á farta capoeira, conversei com as lavadeiras batendo roupa nas pedras de uma levada, approximei-me da montanha que vinha morrer nos fundos da propriedade, como pertencendo lhe. Quedei-me a olhar para o céu,

que estava de um azul estridente, colhi flores, sentei-me em um velho banco de pedra anichado na espessura de um caramanchão, subi a um abandonado belvedére, protegido por um alpendre de cortiça, percorri lentamente as alamedas de palmeiras, considerando-lhes a prodigiosa altura e, por cima de um muro, espreitei os visinhos.

A deliciosa manhã!

Banhei-me com satisfação em um grande tanque de marmore, onde a agua constantemente corria, fiz uma esmerada *toilette* de campo e sentei-me á mesa para almoçar, com verdadeiro apetite. Sentindo a necessidade de tagarellar, de trocar impressões, metti-me de conversa com um dos commensaes, um elegante argentino, que me pareceu ser pessoa da melhor educação, engenheiro e *touriste*, um pouco misantropo, mas excessivamente cortez. Falámos do Brazil, de que elle não parecia gostar, do Rio da Prata, que me recommendou que visse, e, como descesse á cidade, esperou por mim para me fazer companhia.

Quando nos mettemos no *bond*, não consentiu que eu pagasse referindo-me que no Brazil ha-

via duas coisas que sempre se pagava aos outros e eram o *bond* e o *caffé*. Com effeito, durante o trajecto, reparei que por vezes se elevavam graciosos conflictos entre os passageiros disputando-se a primazia de pagar o bilhete da passagem, o qual de resto ninguem recebia, limitando-se o conductor a inutilisal-o.

Pareceu-me que, por este processo, os conductores podiam apropriar-se de uma parte das receitas das companhias. O argentino informou-me então que, na realidade, os conductores não perdiam o ensejo de augmentar por esta fórma os seus emolumentos, que era coisa sabida e que as proprias companhias o consignavam sem desgosto nos seus relatorios.

— Mas porque não recebem os passageiros os bilhetes?

O argentino respondeu:

— Porque não querem.

Achei concludente.

Pelo caminho, o *bond* foi-se gradualmente enchendo de pessoas, que o esperavam á borda dos passeios. Causou-me extranheza que a maior parte dos homens vestisse de preto e usasse chapéus altos de seda, n'um clima onde os

trajos leves e claros e os chapéus de palha estavam naturalmente indicados. O meu interlocutor, que parecia gosar do meu reparo e em quem notei uma evidente má vontade contra as coisas da terra, cahiu então a fundo sobre o que elle chamou—os máus costumes dos brazileiros,—d'onde eu depreendi que as relações entre a Argentina e o Brazil não eram absolutamente cordaes.

Junto da estação de muda, enorme *hangar* abrigando centenas de mulas, o *bond* foi subitamente assaltado por uma nuvem de pequenos mulatos, que, pendurados no estribo, offereciam jornaes da manhã, bilhetes de loteria e rebuçados embrulhados em vistosos papeis de seda e empilhados em bandejas, que elles erguiam alto nas pontas dos dedos de uma das mãos, enquanto com a outra se seguravam ao carro. Estes pequenos vendedores de doce, manobrando tão habilmente com a sua bandeja, e aguardando n'aquelle ponto a passagem dos *bonds*, não deixaram, é claro, de me surprehender. Aqui, o argentino, que se havia apaziguado, novamente se sublevou, increpando d'esta vez a exaggerada gulodice dos brazileiros.

Os brasileiros — referiu com exaltação — comem doce em toda a parte. Em casa, nas confeitarias, tão numerosas, na rua, em marcha, e algumas vezes durante o trabalho. Os proprios vendedores ambulantes de doce entreteem os ocios do seu commercio mascando docerias, e individuos de condicção rude, como negros carregadores, boleeiros, bufarinheiros, se distrahem durante as suas occupações chupando pedacitos de canna de assucar e o mesmo assucar fabricado em *tablettes*, como o chocolate. — D'ali lhes vem, concluiu, o estragam os dentes.

— O senhor já reparou como os brasileiros teem os dentes estragados?

Respondi que não, que não havia ainda reparado.

— Pois repare. Olhe — tornou: una das melhores profissões a exercer no Brazil é a de dentista. Percorra essas ruas, e não haverá una unica onde não encontre um dentista, e sempre com a casa cheia, a trasbordar. O dentista, no Brazil, faz fortuna.

Pareceu me exaggerado. Comtudo, observei que algumas das pessoas que vinham no *bond*

compravam rebuçados, que mettiã nas algibeiras da sobrecasaca, ou do frack, ou que começavam logo a chupar.

O nosso argentino, satisfeito com a attenção que eu lhe prestava, e com o interesse que eu parecia manifestar a ouvil-o, explicou-me então mais que a industria da venda dos rebuçados era exercida por meninas de familias modestas, que os fabricavam em casa e os mandavam depois vender pelos creados. Esta industria domestica, esclarecia elle, não era tão insignificante como se me affiguraria. Certas familias viviam d'ella. E accrescentou com aze-dume: — Tambem creio que é a unica coisa que as senhoras se prestam a fazer n'este paiz!

Pareceu-me que se tornava inconveniente e procurei mudar de conversa; mas como n'esse momento o *bond* enfiasse pela longa rua que margina o caneiro do Mangue e eu tivesse a imprudencia de notar que cheirava mal, recahiu em novas recriminações contra a incuria das municipalidades, e logo veiu com uma enfiada de casos — as ruas mal calçadas, a limpeza descurada, a hygiene dos sitios publicos completamente esquecida, a ponto que tive de

lhe pedir que se calasse, ou fallasse mais baixo, não fossemos ser ouvidos por quaesquer pessoas susceptiveis de se offenderem com apreciações tão inclementes.

Mas não houve meio. O argentino tinha evidentemente pouca sympathia pelo Brazil e, n'um tropel de palavras, ao meu ouvido, como quem deixa trasbordar a confidencia de um velho despeito, contou-me um rôr de coisas, concluindo por affirmar que o Rio de Janeiro era uma cidade immunda.

Não quiz crel-o e affirmei ter ouvido referir que a capital do Brazil era, ao contrario, muito habitavel, possuindo lindos bairros, formosos arrabaldes, além da magnifica decoraçào de uma natureza prodigiosamente dotada.

O argentino era implacavel. Dir-se-hia que procurava indispôr-me com o Brazil. Admittiu o arrabalde, approvou que a natureza fosse bella, mas excluiu terminantemente a palavra *cidade*. Para elle, cidade era coisa que não existia e o que existia não era propriamente uma cidade, senão uma agglomeraçào de casaria velha, dentro da qual formigava uma população de gente occupada.

Seja! conclui, para não prolongar o dialogo e pedi-lhe que me fallasse do Rio da Prata, de Montevideu, de Buenos Ayres, que me contou então sob os mais ridentes aspectos.

Tinhamos chegado. Despedi-me dizendo *até logo*, com amabilidade, e, vendo-me livre d'elle, encontrei-me novamente no largo, que eu já podéra fixar, pela sua pequena estatua de bronze, como que esquecida n'esse logar de passagem. Os carros agglomerados despejavam gente que se dirigia apressadamente a negocios. As ruas estavam animadas de um alegre movimento matinal. Enfiei pela rua do Ouvidor, que se encontrava em frente e que a essa hora parecia preparar-se para a faina do dia. As esquinas apregoavam-se jornaes; á entrada das redacções, em grandes vãos de portas, engraxadores italianos convidavam quem passava a engraxar as botas—*signor, signor*. As confeitarias e os bazares, a que chamam *armarinhos*, ainda estavam desertos. Os transeuntes desciam e subiam atarefados; não era ainda a hora da *flanêrie* e do passeio.

Como tivesse de retirar da alfandega a minha bagagem, achei que era opportuno apro-

veitar-me de uma das varias cartas de recommendação, de que eu, como toda a gente que vae ao Brazil, me munira antes de partir.

Essas cartas são, por via de regra, dirigidas a negociantes estabelccidos, que as recebem ás dezenas, e quando tem alguma utilidade, o que nem sempre succede, dão certas vantagens, segundo a posição, a condição e o gráo de fortuna da pessoa recommendada.

Na sua maioria, os recommendados são rapazes das aldeias ou cidades de Portugal, que pretendem empregar-se ou fazer carreira. Uma carta de recommendação para uma boa casa de commercio garante-lhes em primeiro logar o que nenhuma d'essas casas recusa, isto é, uma meza farta e, algumas vezes, um leito; depois, uma collocação que pode tardar, mas que não dcixa de vir, e, immediatamente, um logar ao balcão, o que não é para desdenhar, visto que assim começam quasi todos os que, pelo commercio, csperam fazer fortuna.

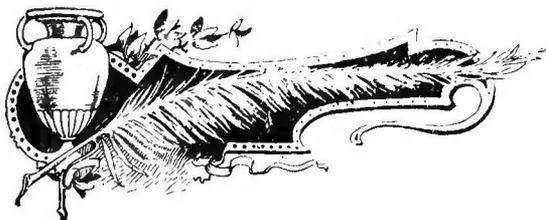
Quando se vae simplesmente a negocios ou de visita, a carta de recommendação tem ainda vantagens. A casa de commercio que nos recebe logo se presta a ser para nós o quartel

general d'esse vasto centro de operações, e, quasi sempre com boa vontade e galanteria, nos cede as suas mezas para escrevermos as nossas cartas, os seus empregados para nos acompanhar nas nossas excursões pelo dedalo da *citê* commercial, os seus carregadores para conduzir as nossas malas.

Este detalhe da vida brasileira,—a Casa de Negocio tem uma importancia extraordinaria. Mais adiante veremos o que ella é e como ella pesa na balança da civilisação brasileira. Com este titulo — *A Casa de Negocio*, fazia-se um curioso romance de costumes brasileiros, como já se fez com a historia de certas hospedarias, a *Casa de Pensão*.

A Casa de Negocio é ainda uma das coisas que, n'esse paiz, define.





X



ESCOLHI ao acaso uma das cartas que levava commigo, e, tendo-me embrenhado no labyrintho do bairro commercial, já cheio de ruido e bulicio, fui, consultando numeros de portas, parar em frente de um fundo armazem onde se trabalhava activamente. Não vi desde logo qual podcria ser o genero de commercio que ali se fazia, mas parceu-me que seria um deposito de fazendas. Entrei e dirigi-me a um dos empregados, que, como os outros, em mangas de camisa, retirava de dentro de enormes caixões peças de panno, que atirava como fardos para cima de um comprido balcão

Disse-lhe um nome. Elle respondeu-me simplesmente:—Está lá para dentro, e continuou na sua tarefa.

Penetrei nos fundos da casa, atulhados de mercadorias e fracamente illuminados pela luz que vinha de cima, de uma ampla claraboia; e, sentado a uma alta escrivaninha, absorvido a escrever, vi um homem gordo que me indicaram como sendo aquelle que eu procurava. Approximei-me de chapéu na mão. O homem não descerrou um sorriso, nem fez o menor gesto de deferencia, esperando que eu fallasse. Disse-lhe o que me levava a visital-o e só então se levantou e procurou offerecer-me uma cadeira, que não pôde encontrar. Logo notei que fallava aos seus empregados por fórma um tanto desabrida, e que estes lhe obedeciam com promptidão e respeito.

Perguntou-me immediatamente se já tinha casa e, como lhe respondesse affirmativamente, offereceu-me a sua meza, dizendo me «que não fizesse cerimonia», que no Brazil não havia cerimonia, que o almoço era ás dez e o jantar ás quatro, e que apparecesse quando quizesse. Esta, para mim, nova fórma de hospitalidade

pareceu-me impertinente. Apressci-me portanto a declinar o convite e ia a retirar-me mal impressionado, quando me occorreu perguntar-lhe onde era a alfandega. Então, sem me responder, como um official dando ordens, poz-se de pé, chamou um empregado e disse-lhe simplesmente:

— Acompanhe este cavalheiro á alfandega.

Agradei-lhe, ao que elle retorquiu, volvendo a sentar-se:

— Sempre ás ordens.

E lá fomos, eu e o empregado, que vestira uma quinzena, caminho da alfandega.

O meu *cicerone* era um rapazote dos seus vinte annos, ainda imberbe, portuguez das provincias, segundo me disse. Parecia encantado por me acompanhar, e, caminhando a meu lado, fallava pelos cotovellos, dando-me informações que eu não pedia e insistindo commigo para que eu fosse jantar a casa dos patrões. Insistia em que não devia fazer cerimonia, affirmando-me que nas casas de commercio até se gostava de ver gente á meza, e, como para me estimular, affiançou-me que a meza da sua casa a considerada das melhores.

Chegámos á alfandega, tendo passado por meio de ruas atravancadas e animadas de um constante vae-vem. A' porta estacionavam grupos de carregadores brancos e pretos offerecendo-se em altas vozes a quem sahia. No interior, escuro e de altas paredes sujas como o interior de um vasto barracão, a lufa-lufa, o ruido, o movimento são extraordinarios. Por todo o recinto estão espalhadas a esmo malas e bagagens, deixando ao meio um estreito espaço, por onde rodam sobre rails pequenas zorras, empurradas por grandes negros musculosos. A' direita, sobre um estrado e em pequenas mezas, empregados sem distinctivo são sollicitados por uma multidão impaciente, que faz perguntas e reclama que a aviem. Por entre as bagagens soltas no chão, circulam centenaes de pessoas atarantadas, procurando alguem que as atenda, buscando objectos que não encontram, ou, no meio da confusão, aos pontapés e aos encontrões de quem passa, abrindo malas e mostrando roupas aos empregados da fiscalisação, que, de pé, serenamente, sem grande zêlo, vão mandando fechar umas e abrir outras. Carregadores conduzindo ás costas pesadas bagagens

atiram-n'as a terra com estrondo; ouvem-se constantes martelladas; a gritaria é infernal; falla-se alto para se ser ouvido e, a cada passo que damos, somos forçados a recuar ou a saltar para o lado, como quem marcha entre escombros.

N'um armazem contiguo, a faina e o ruido são ainda maiores. As bagagens vindas dos batelões amarrados aos caes, são postas a esmo pelo mcio do chão, sobrepostas, amontoadas, atiradas como fardos, confusamente. Muitas estão sem tampos, outras, arrombadas, deixam vêr taboleiros cheios de roupas. Pelos cantos, ha cadeiras de bordo, saccoes de roupa e malas de mão. Promiscuamente se encontram reunidas, bagagens de pobres e bagagens de ricos, malas enormes de couro da Russia, chapeadas de nickel, arcas de pinho e velhos bahus de emigrantes. Roconheço entre a gente que me rodeia passageiros que vieram commigo, o loiro Rollison, da casa Armstrong, um que dá a volta ao mundo de dois em dois annos, para collocar armamento; a gentil M.^{me} Miranda, que nos embalou as noites de bordo com as suas *romanzas* da *Mireille*; a impru-

dente Valentina Rioux e a negra dos esposos Castros.

Tem chegado tres vapores carregados de emigrantes. Entre grupos de aristocraticos viajantes, sacudindo nos dedos molhos de chaves, lá andam elles na lufa-lufa de encontrarem as suas miseras bagagens, a pobre arca onde vem a lytographia com a imagem da santa, o sacco que traz ainda o ultimo pedaço de pão de bordo. Pobre gente! E como são, comtudo, fortes, varonis! Como parccem bem decididos a luctar e com que cnergia levantam ainda aos hombros o velho bahu que é toda a sua fortuna!

Procurando aqui e ali, investigando em montões de bagagens, com trabalho, mas com vagar, pude reunir o que era meu. Uma das minhas malas tinha um dos tampos rotos; de outra havia sido arrancada violentamente uma travessa, o que, está claro, me contrariou. Mas o momento não era para recriminações, e já não me pareceu pouco o encontral-as no meio de tanta desordem e confusão.

O movimento, a agitação, o esforço, tinham-me fatigado e, pela primeira vez, transpirei

abundantemente. O calor era asphixiante ; as bagas de suor corriam-me pelo rosto e alagavam-me a camisa.

Sempre auxiliado pelo meu *cicerone*, que tude me havia facilitado mediante as suas relações, cumpri as ultimas formalidades, e sahi para a rua a respirar um pouco de ar livre. A' porta, atravessei, não sem difficuldade por entre um bando de carregadores que se offerciam com alarido, e, tendo transposto a rua atravancada de carroças, pude alcançar o passeio, onde me refugiei, para repousar.

O rapaz desapareceu com as minhas malas, que se incumbiu de fazer transportar, e eu fiquei só limpando o suor e repondo-me da algararra e do tumulto que atravessara.

De todas as impressões que havia colhido, a que mais me surprehendeu foi a de que não me tivessem n'esse tumultuario estabelecimento reclamado ou pedido dinheiro, o que era bem natural, attendendo a que eu vinha habituado a um regimen alfandegario essencialmente interesseiro e pedinchão. Nenhum funcionario, quer superior quer subalterno, me coagiu a pagar alguma taxa, ou me insinuou a dar-lhe

qualquer gratificação. Os carregadores, que se incumbiram de transportar as minhas malas do deposito em que estavam para o armazem contiguo de fiscalisação, esses mesmos não pareciam esperar de mim qualquer remuneração pelo seu trabalho, pois que, tendo-o concluido, me viraram costas. O empregado que as revisitou, muito summariamente, contentou-se com a minha declaração de que nada trazia que fosse sujeito a direitos, e mandou-m'as fechar sem mais reparar em mim, passando a outros. Em volta de mim não vi guardas armados, ou policias fiscaes, espiões ou vigilantes aduaneiros. O pessoal trabalhava com precipitação e certo mau humor, frequentemente se levantavam mesmo pequenos conflictos entre os escripturarios da balança e o publico, em tudo havia desordem, atropello, absoluta ausencia de methodo, mas o que eu não vi e o que na realidade não parecia preoccupar esses homens, era essa coisa desagradavel, que tão antipathico torna o pessoal subalterno das nossas alfandegas, e que consiste n'um vago ar de mysterio do funcionario para o viajante, como a offerecer-se para

cumplice de maroteiras fiscaes, e sobretudo na permanente insinuação da sua physionomia pedinchando gorgetas. Ali ninguem pedia e ninguem parecia pensar em tal. O pensamento unico de todo esse pessoal atarefado era evidentemente o de acabar, concluir, o mais rapida e atabalhoadamente possivel.

Nas nossas alfandegas ha mais ordem, porque ha menos movimento, mas o que não ha seguramente é tanta independencia.

A installação d'essa alfandega americana é —não ha duvida— pessima. Os seus serviços são tumultuarios; o seu pessoal pouco sereno e seguro. Mas o viajante esquece tudo isso pelo prazer que sentiu em tel-a atravessado com as canellas talvez um pouco offendidas, mas com a algibeira intacta.

Esta impressão dispõe bem; e assim em tudo no Brazil, ou, pelo menos, na sua capital; certas impressões más são sempre attenuadas por impressões boas, e os brasileiros fazem-se perdoar grandes defeitos por excellentes qualidades.



XI



s viajantes como eu não são frequentes no Brazil.

Em geral, quem vae a esse paiz tem alguma coisa urgente a fazer. Uns querem ganhar e não perdem um minuto; outros querem enriquecer e não tardam uma hora. E' chegar e lançar mãos á obra. Muitos nem teem tempo de reconhecer o paiz em que estão.— Chegam e começam. O viajante como eu, meio *touriste* e sem pressa, é raro. Por isso vive isolado, não tem companheiros, nem guias. Em toda a capital do Brazil não se encontra talvez um unico ocioso capaz de acompanhar um *flâneur*, ido em ferias a vêr a terra do oiro. Toda a gente. mais ou

menos, tem em que se occupar e se não tem um negocio, tem habitos, vicios, paixões que lhe tomam o tempo. Estar na rua do Ouvidor é um habito e, para o brasileiro, esse habito é uma occupação. O jogo, que desempenha um tão grande papel nos habitos da população fluminense, é um vicio e é egualmente uma occupação.—O jogo da pelota toma o tempo a muita gente. As proprias mulheres disputam o tempo, e no Rio de Janeiro não falta quem perca horas para as vêr passar.

O que, porém, predomina é o negocio e no negocio está toda a gente. O negocio é todo o meio de ganhar dinheiro, e como no Brazil todas as iniciativas permittem ganhar dinheiro, ninguem se deixa distrahir por outra coisa, ou se desloca por outro motivo. O commerciante está ao balcão, o banqueiro á caixa, o advogado e o medico no consultorio, e das dez ás cinco, ninguem procure attrahil-os que não o consegue. Depois d'aquella hora o seu pensamento é o *bond*, que quer dizer a sopa quente, o lar, os filhos, a casa confortavel, a alegre residencia, a chacara, o bilhar, o saboroso caffè tomado pela fresca n'alguma boa cadeira

de verga, para no outro dia recommençar com o mesmo methodo, a mesma precisão, a mesma monotonia.

De resto, a propria disposição da cidade não se presta a uma vida de *flanêrie*. Em todo o seu vasto recinto ha duas zonas : uma, que é aquella em que se trabalha; outra, que é aquella em que se repousa; uma que é a loja, o armazem, o escriptorio; outra que é a casa, a habitação, o lar. Esta divisão de zonas limita a vida, que assim se reparte em dois estados : o negocio e a familia.

O domingo é um dia de descanso colectivo. Unanimemente, toda a gente repousa. O bairro commercial fica deserto; animam-se os arrabaldes. Tudo fecha. Aos domingos não ha um barbeiro que se preste a fazer-nos a barba, no Rio de Janeiro. Abrem-se então os hyppodromos, os salões particulares, as salas dos clubs de baile, e a juventude folga. Mas o negociante, o medico, o advogado, o banqueiro, o agiota, o especulador, esses são intransigentes e ficam em casa, de chinellos, no jardim, a ler jornaes.

A' semana, o negocio; ao domingo, o repouso.

Entre o negocio e o réponso, a maioria dos habitantes não conhece diversão. Por isso a vida na capital é suave para quem trabalha, penosa para quem não tem que fazer.

Os theatros, que poderiam perturbar a rectidão de um tal viver, são exclusivamente frequentados por duas cathogorias de individuos, ou classes—a juventude, que vae a toda a parte; o capitalismo, que vae á opera. O chamado *homem que trabalha*, que no Brazil constitue multidão, raro vae ao theatro. Quando não tem que fazer, o *homem que trabalha* fica em casa, e n'isto consiste a sua diversão.

Comprehende se, portanto, que eu tivesse de andar só, conhecendo pouquissima gente e essa mesma occupada.

Só ou acompanhado, na capital do Brazil não se anda a pé, a não ser no bairro commercial, que é o bairro da faina, do negocio, da jogatina, do trafico, e no vasto perimetro da cidade é o *bond* o meio pratico, barato e commodo de que toda a gente se utiliza para se transportar.

Ha duas cathogorias de *bond*: o *bond* urbano, a que tambem ouvi chamar *bondinho*, por

ser pequeno, e o *bond* propriamente dito, o *bond* grande.

O *bond* urbano percorre unicamente a cidade velha e é pequeno para melhor caber nos seus meandros. O *bond* grande leva-nos aos confins da cidade, atravessando os arrabaldes e parando ali onde a natureza não o deixa proseguir. O *bond* vai até onde razoavelmente se póde ir, e quando elle pára é porque encontrou obstaculo serio. Esse obstaculo é a montanha. Assim, os ultimos trechos de certas linhas são percorridas quasi em plena floresta, vencendo ingrimes ladeiras rusticas bordadas de vegetação, o que transfirma os passeios de *bond* no Rio de Janeiro em verdadeiras excursões. Ha trajectos lindissimos; e percorrer, por exemplo, toda a linha de Copacabana, ou das Aguas Ferreas, é fazer uma digressão surprehendente, cheia de interesse, de novidade e de pittoresco.

Similhante serviço de transporte é explorado por tres companhias — a do Jardim Botânico, a de Villa Isabel e a de S. Christovão, que em tres pontos differentes da cidade tem as suas respectivas estações, as quaes se resu-

mêm, de resto, em tres *bureaux* installados na loja vaga, ou no simples vão de qualquer casa, porque o *bond*, em geral, se espera na rua, ou se vae tomar a caminho, para com mais segurança se obter logar.

Calcule-se como deverá ser grande o movimento n'essas linhas, n'uma cidade populosa como o Rio de Janeiro, onde o habitante anda n'um permanente vae-vem entre a sua casa e o seu negoeio, situados ambos em pontos diametralmente oppostos. A circulação é constante. O *bond* chega, carregado de gente, e, cinco minutos, dois minutos, um minuto, logo em seguida parte novamente para o logar de onde veio, sem um logar vago, porque se não vem já cheio de passageiros cautelosos, que o foram esperar ao longo da linha, é assaltado pelos que o estão aguardando, e, n'um momento, occupado pelos assaltantes.

A certas horas do dia e da noite, conseguir um logar no *bond* é uma verdadeira empreza, que no entanto se leva, seja como fôr, a cabo, porque, como já o disse, perder o *bond* é muitas vezes um desastre.

Mas, a despeito de todo este enorme movi-

mento, o *bond* é pontual. Tomar o *bond* é ter a certeza de partir a uma hora precisa e, a menos que pelo caminho se não levantem embaraços, a certeza de chegar a hora igualmente certa. O *bond* não falta, não engana, não atraiçoa. Esperal-o um minuto, é vêl o chegar; tel-o occupado é partir. Depois, tudo torna facil esse meio de transporte. Como o passageiro não é obrigado a receber o bilhete da passagem, sem custo a paga com uma moeda de nickel e logo se vê livre do conductor, que percorre os estribos, tendo methodicamente entaladas entre os dedos da mão esquerda notas dobradas de varios typos, para facilitar os trocos. Depois de installado, ninguem mais o vem incommodar, e a unica coisa que tem a fazer é deixar-se conduzir, recreiando a vista pelos bairros que vae percorrendo, dormitando, se tem somno, ou lendo, se tem um jornal á mão.

A excellente organização d'estes serviços de transporte faz o orgulho dos fluminenses, que lhe ligam uma importancia, de resto bem justificada.

O *bond* é um detalhe caracteristico da vida brasileira. Constitue um laço permanente

a existencia do cidadão e a rua; é um constante traço de união entre a collectividade e a familia. Toma proporções de instituição, e se a iniciativa particular não o creasse, o Estado teria forçosamente de o promulgar; e assim como a extineção da illuminação publica, o desvio das aguas do collector principal, ou qualquer outro accidente congenere, causaria uma verdadeira crise na vida commum, assim uma interrupção subita no serviço dos *bonds* seria motivo para suspender por um momento todo o trafico entre os cidadãos.

No dia em que o *bond* faltasse, operar-se-hia uma revolução, não na rua, mas nos lares, porque toda a gente, attonita, ficaria em casa a perguntar a razão por que elle não havia passado, e, por um momento, supprimido esse indispensavel traço de união entre a população e os seus habitos, a vida fluminense resentirse-hia da falta do *bond* como de uma verdadeira crise social.

Tendo comprehendido o papel e a influencia d'este meio de transporte, insisti n'esta divagação, mais pelo capricho de fixar aspectos do que pelo desejo de elucidar futuros viajantes.

Isto é um livro de viagem : não é um guia de viajante.

O que pretendi obter das fugazes impressões que recbi, foram visões nitidas,— aspectos.

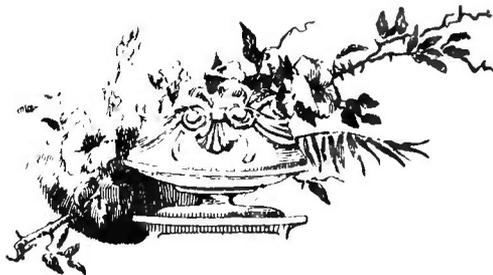
O *bond* é um aspecto.

Tendo curiosidade de ver, tomei o *bond*, e fui de *bond* que pude, n'um curto espaço de tempo, senão comprehender, vislumbrar alguns aspectos da civilização brasileira.

As minhas impressões não deixarão portanto de resentir-se d'este facto. Vi depressa, como o viajante que tocando em um porto de escala desce a terra a aproveitar as poucas horas de demora do barco e volta para bordo com a cabeça cheia de impressões e os olhos cheios de panoramas. Não obtive conhecimento exacto, formula decisiva ou juizo seguro, e na minha memoria, como no meu espirito, tudo ficou tumultuario e vago, como n'uma chapa photographica por muito tempo exposta a successivas imagens.



NOVOS ASPECTOS



I

Os estrangeiros, e particularmente os portuguezes, tão numerosos no Brazil, affirmam frequentemente que elle é por excellencia o *paiz do trabalho*, como se os outros paizes não fossem igualmente de trabalho. Essa formula resulta de que no Brazil se dá á palavra *trabalho* a significação de *negocio*, porque elle é na realidade o paiz do negocio, e tudo quanto não seja negocio não tem ali fóros de trabalho.

Trabalhar quer dizer negociar, comprar, vender, abrir a loja, fechar a loja, dar balanço, debitar, creditar, liquidar. Trabalhar é estar ao balcão, ir á alfandega, aos bancos, á

Bolsa, á praça, encher facturas, ler cambios, dar encommendas, despachar fazendas, encaixotar, desencaixotar.

O que não seja isto não é trabalho.

Em França, Zola é um trabalhador ; no Brazil, um trabalhador é o sr. conde de Figueiredo.

N'um paiz em que o negocio assim absorve tudo, a vida intellectual é necessariamente penosa.

Poucos escriptores trabalharão tanto como os escriptores brasileiros e alguns ha, para não citar outros, como Coelho Netto e Aluysio Azevedo que, com pouco mais de trinta annos, tem já uma obra numerosa. A vida jornalística é activa e laboriosa. Um critico dramatico, Arthur d'Azevedo, além de encher o theatro com producções suas, encontra tempo para escrever livros e collaborar assiduamente em uma porção de jornaes, e um critico litterario muito culto, Valentim de Magalhães, annota com uma pontualidade admiravel, em publicações de varia natureza, todo o movimento litterario e artistico europeu e americano. Poetas como Olavo Bilac, são alternativamente trova-

dores, prosadores, chronistas. A absorvente politica não impede que Affonso Celso invada as livrarias com publicações suas: só no catalogo de um livreiro se registam com o seu nome mais de dez volumes; e um medico, o dr. Viveiros de Castro, nos intervallos da sua clinica, vae reunindo em interessantes estudos o que vê e o que sabe.

Um livreiro da rua do Ouvidor, o sr. Domingos de Magalhães, expõe quasi todas as semanas uma novidade litteraria, e nas suas estantes e *vitrines* quasi não se encontra outra coisa que não seja litteratura brasileira.

Comtudo, a isto, a esta immensa producção, a esta febril actividade, não se chama no Brazil *trabalhar*, e n'esse paiz rico, como no nosso precario Portugal, esse genero de trabalho é pouco remunerador. O escriptor é pobre, o jornalista é pobre, é pobre o poeta.

Mas sobre serem pobres, não gozam d'essa alta consideração que muitas vezes tambem indemnisa, e não vi que fossem admirados, fallados, discutidos fóra dos seus cenaculos. A muitos poetas ouvi chamar *vagabundos*, expressão de desdem, que talvez queira dizer bo-

hemio; dos romancistas não ouvi o nome, e dos escriptores de jornal affiguraram-se-me de mais prestigio apenas aquelles que se occupavam de politica, como Ferreira de Araujo, Bocayuva e José do Patrocinio.

Apezar dos energicos esforços de muitos homens de boa-vontade, o espirito publico não se deixa apprehender por interesses litterarios ou artisticos, e o grosso de uma população de negociantes, como a permanente absorpção de uma vida de negocio, pesa sobre todas as tentativas de emancipação intellectual. Promovem-se conferencias litterarias, organisam-se exposições de quadros, mas taes iniciativas não conseguem attrahir sequer a attenção. O esforço é admiravel; o resultado nullo.

Mas se a obra do escriptor não interessa, a propria personalidade do escriptor parece não ser comprehendida. Não se entende n'uma sociedade de homens praticos, methodicos e sobrios, a existencia d'esse maniaco imprevidente e estroina que se chama o *artista*. Os seus habitos são considerados vicios, e as suas manias graves defeitos. Offende pelo seu modo de pensar, offende pela sua maneira de conduzir-se,

offende quasi pela sua profissão, que ninguém quer reconhecer, porque ninguém suppõe que por ella se possa fazer carreira.

A intelligencia brazileira, tão vivaz, tão fertil, asphixia assim sob uma avalanche de saccas de caffè e fardos de algodão.

De resto, o negocio, systematico e rotineiro, absorvendo todas as iniciativas, não dá logar a que medre nenhuma outra, e a propria industria, que reclama a intervenção de energias novas e de muita intelligencia e sagacidade, acha-se no Brazil rudimentar. O Brazil importa tudo, até palitos!

A vida de negocio trouxe habitos de negocio, e assim como esta palavra *negocio* volta a cada passo n'este capitulo do meu livro, assim a cada passo apparece nos incidentes da existencia commum e da conversação, como uma obsessão e um *tic*. Diz-se: «este *negocio* do tempo tem-me feito muito mal», o que significa: — «estas mudanças de temperatura tem-me prejudicado a saude»; este *negocio* da guerra, este *negocio* da paz. Para o vocabulario corrente veiu todo o calão dos *comptoirs*, e, assim, é vulgar o emprego dos verbos *liquidar*, *cre-*

ditar, debitar, nas conversações mais extranhas a coisas de commercio. Tudo se justifica com o negocio e pelo negocio: faltar a uma entrevista, como chegar tarde para jantar, fazer, como deixar de fazer qualquer coisa, e sendo o negocio a base de tudo, é o negocio a razão de tudo.

Comtudo, dentro d'esse Brazil povoado de colonos, ha um outro Brazil de brasileiros ricos, que, vivendo dos proventos prodigiosos da agricultura, não fazem negocio. São os brasileiros do Café de la Paix, aquelles morenos rapazes, que tantas vezes encontramos em Paris, vestidos a primor, constellados de aneis, e para quem as mulheres olham com tanta cubiça.

Esses brasileiros — convém dizel-o — não os conhece Portugal, como não conhece as brasileiras suas irmãs e suas esposas, pela razão de que raro visitam o nosso paiz. O brasileiro rico conhece duas unicas terras: o Brazil e Paris.

As familias opulentas mandam os filhos a educar ás universidades de França, da Belgica e da Suissa, para a escola de engenharia civil de Gand, para a de agricultura de Gembloux, para a de artes e officios de Liège, para a de medicina de Montpellier, ou para as faculdades

de Paris. Esses jovens estudantes vivem no estrangeiro esplendidamente subsidiados, o que lhes permite ao mesmo tempo cultivarem-se e divertirem-se, de fôrma que, regressando aos seus lares, o seu pensamento é a Europa e n'ossa Europa a França, porque a civilização franceza é a que mais os fascina pelo apparato do seu luxo e do seu brilho.

Emancipados, livres da tutella familiar, dividem a sua existencia entre Paris, que amam, e o Brazil, que adoram, porque o brasileiro é muito patriota. As meninas, por uma egual attracção, seguem-nos, com os paes e as mães, e a familia toda convoca-se periodicamente nos centros ruidosos da Europa a assimillar-lhes os costumes, os habitos, a educação, vestindo-se nas grandes modistas, residindo nos melhores hotéis, frequentando os melhores theatros e penetrando se d'arte e de elegancia até se confundirem e dispersarem de todo na civilização.

Assim, a vida intima da gente rica está toda eivada de estrangeirismo. As creanças são conduzidas a passeio por *bonnes* francezas e educadas por professoras inglezas; os criados, os cocheiros, os *grooms* são quasi sempre estran-

geiros. Em casa falla-se francez, porque o francez é o idioma da moda, e em cima das estantes como sobre as mesas dos bellos salões não se encontram senão musicas e revistas francezas, litteratura franceza, arte franceza, *souvenirs* de França, lembranças da civilisação. Da França levam tudo o que é preciso para viver bem, os moveis de luxo, os tapetes, as creadas, os trens ; do Brazil guardam a terra, de que não prescindem, o caffezal, d'onde jorra o oiro, o theatro lyrico e o habito das coisas as-sucaradas.

Esta população aristocratisada pela fortuna vive á parte, nos lindos suburbios do Rio, em palacetes e pavilhões construidos á sombra de gigantescas montanhas, ou á beira de quietas bahias d'agua salgada, n'uma amena e regalada villegiatura. Vae á cidade algumas vezes mas não passa da rua do Ouvidor, deixando o seu *coupé* n'alguma estreita travessa circumvisinha. Não quer saber de negocio, não se confunde com negociantes. E' o Brazil brasileiro, o Brazil discretamente chauvinista, mas profundamente internacional — O Brazil de Paris.

Esse Brazil não trabalha — fruc.



II

PORTUGAL mantém ácerca do Brazil um tão grande numero de idéas falsas, que não resisto á tentação de corrigir algumas n'este livro de impressões, em que, como nos almanachs encyclopedicos, póde, sem desaire, haver de tudo.

A emigração origina-se n'um d'esses erros, e a emigração é um mal.

Hoje, mais do que nunca, urge evitar a dispersão. A raça portugueza precisa caber em Portugal. Só assim ella será forte. Aconselhemos este povo a que fique em sua casa, a que cuide da sua casa, a que soffra — se tem de soffrer — em sua casa. Prendamol-o á sua terra e ao seu lar, e se no seu espirito ha chi-

meras que nol-o possam arrebatat, arranquemol-as quanto antes.

O Brazil é uma d'essas chimeras. Resto de um sonho antigo, ainda o perturba e desenca-minha.

Chamemol-o á razão.

Portugal emigra sem saber para onde vae, como a maior parte dos povos que emigram, impellidos pela necessidade. Mas houve uma epocha em que Portugal emigrava por ambição, e a ambição embora vaga, é já um rumo, Hoje, porém, Portugal emigra por miseria. Não procura enriquecer, mas simplesmente comer, o que tambem é um rumo, mas nunca um destino inspirador. Assim, emigra com o unico objectivo de encontrar fóra do seu paiz o que o seu paiz não lhe dá — a vida.

Mas outr'ora, a emigração era quasi exclusivamente rural; hoje, as cidades tambem emigram, porque o mal do campo as invadiu tambem, e Lisboa como o Porto estão dando na hora presente um forte contingente á emigração. N'outros tempos, emigravam os rapazes das aldeias; hoje emigram os homens das cidades. N'outro tempo levavam comsigo uma

arca de pinho, um bragal de linho, alguns pintos e uma desmedida esperança. Hoje, levam malas de coiro, excellente roupa branca, algumas libras, mas levam tambem consigo estes dois terriveis conselheiros: o desalento e a duvida. Quando um paiz vê emigrar o homem das cidades, esse paiz está extenuado.

Vejamos agora o que vão fazer á America essas duas cathogorias de emigrantes — o emigrante esfomeado do campo e o emigrante desilludido da cidade.

N'um paiz como o Brazil, entregue a iniciativas poderosas, ao forte capital, á sagacidade sempre álerta da especulação, o emigrante contractado é um instrumento, nunca um fautor. Relativamente feliz, porque cuidam d'elle os seus engajadores, é transportado em commum como o gado, alojado em commum, dirigido em commum para os logares em que se torna preciso, pago em commum, alimentado em commum. Não constitue colonia, constitue rebanho. E' o escravo — escravo dos compromissos que tomou em nome da sua miseria. A sua gleba é a sua enxada.

Qual póde ser o futuro de semelhantes creaturas ?

No Brazil affirma-se que muitos juntam avultados peculios, cultivando caffè por sua conta ou envolvendo-se n'outras especulações. E' possivel que isso succeda, mas n'uma percentagem tão minima, que me fica o direito de sustentar que os restantes permanecem na servidão.

Este é o typo classico do emigrante — o homem curvado sobre a terra estrangeira, de enxada em punho, cavando o pão que a sua terra não lhe deu, e esperando resignado que a morte o emancipe.

Mas ao lado d'este vae um outro, mais infeliz, porque não tem empregarios que o protejam. E' aquelle que deixa a sua aldeia confiado em si proprio, entregue unicamente á sua iniciativa, inquieto e saudoso. Leva comsigo meia duzia de moedas d'ouro e todo o seu lar na sua arca, algumas vezes uma familia inteira, creanças, mulheres.

Chega e, como não conhece ninguem, vagabundeia, dos cambistas onde vae successivamente trocando as suas ricas moedas d'ouro,

para as casas de pasto onde deixa a familia a guardar, do armazem a que algumas vezes o recommendaram, para a casa do amigo pobre que não lhe póde valer. Rustico, ignorante, mas energico e corajoso, procura alhojar-se ou alhojar a familia, e, ao fim do dia, tem-n'õ geralmente conseguido, — extenuado, faminto, suando em bica e praguejando.

Assim como procurou um logar para habitar, procura então um meio de ganhar a vida e, n'essa immensa cidade, errante, no meio de uma multidão que o estonteia, reconhece com dôr que para nada serve, porque nada sabe.

Os seus primeiros dias são feitos de amargura.

Mas, tenta sempre, porque não póde voltar, apesar de ser este o seu constante pensamento, e, por fim, lá descobre qualquer rude mistér em que empregar-se, sob o ardente sol que o queima. Então, um novo desgosto o fere — o que consegue ganhar é pouco, é nada, mal lhe chega. A vida cara disputa-lhe tudo, e encontra-se a braços com uma dupla miseria — a miseria no exilio.

Mas vem a doença. As febres levam-lhe um

filho ou dois, a mulher definha de pena. Os seus recursos diminuem, porque se endividou.

Mas lucha, lucha sempre, com essa resignação bem portugueza, que tudo supporta e arrosta.

Pobre agricultor, conhece a sua lavoura e mais nada! Sabe cavar, sachar, podar, mondar, mas não sabe outra coisa. Que importa! Outra coisa fará! Põe os seus braços fortes ao serviço da sua fome e então faz tudo, desde puchar carroças, gottejante, até transportar fardos, dobrado em dois.

Qual o seu destino?

E' homem feito, quasi velho. Burro velho não aprende lingua. Elle não as aprende, coitado! e o seu destino, se não morre, comatoso, n'um leito d'hospital, é puchar á carroça como as bestas, regando de suor negro a terra amarga do seu exilio.

O emigrante das cidades vem d'esse ultimo periodo da miseria portugueza, a que nós, com indiferença e bonhomia, chamamos *a crise*. E' o empregado publico sem emprego, o solteirão sem futuro, o filho familia sem lar, apertados pela necessidade, Deixam a sua terra com pe-

zar e uma certa curiosidade, e vão munidos de cartas de recommendação. Que sabem fazer? — Nada. O agricultor não sabe escrever, mas sabe lavrar. Elles sabem apenas escrever, e é servidos por esta unica faculdade, que se lançam aos mares.

Vão habituados a uma existencia d'ocio, á *toilette*, ao conforto, á liberdade, ao ar livre, á cortezia, ás fórmulas, ao bigode frisado, á gravata flamante, ao corruptor — *como está vocencia*. No entanto vão animados de intenções nobres, firmes propositos de trabalho, e se vagamente acariciam a idéa de enriquecer depressa, para voltar, vagamente tambem se encontram capazes de tentar tudo para o conseguir. Para esta especie de emigrante, o Brazil como a Africa são terras de sonho, onde tudo pôde succeder, — cazar rico, matar leões, ou encontrar diamantes como ovos. Assim tambem nenhum emigrante soffrê como este mais dolorosa decepção.

A sua figura como as suas maneiras commecam logo por prejudical-o no conceito das pessoas que conhece. Mal chega apresenta-se estouvadamente, de cigarro na bocca, bengala

em punho, nas casas a que vae recommendado. Dão-lhe agasalho, um logar á mesa, um quarto sombrio dizendo para um saguão, mas lembram-lhe immediatamente que é preciso mudar de feitio, e se não o mandam despir o casaco e pôr-se ao balcão, indicam-lhe simplesmente a hora do jantar, sem outros cumprimentos. Em volta d'elle, tudo é severidade e disciplina. Os empregados em mangas de camisa, trabalham como soldados em faina. O personagem carancudo, a quem chamam com respeito o chefe da casa, não o interroga, nem parece interessar-se por elle. Encontra-se só no meio d'essa lufa-lufa, desprezado ou tratado com rudeza, e o seu primeiro movimento é de rebeldia. Mastiga palavras d'odio e tem vontade de chorar.

Ao jantar, dão-lhe um logar distante na mesa, entre marçanos, que comem como n'um refeitório de collegio, callados e sérios. Comprehende que não pôde levantar a voz, que está ali por favor, ou esperando que lhe deem qualquer subalterna situação. Permite-se no emtanto fallar, mas ninguem lhe responde, ou respondem-lhe baixo, e, subitamente, vendo que

todos se levantam, levanta-se tambem sem ter acabado de jantar. Desce para a loja, enleiado e vexado, e, como ninguem se occupa d'elle, encosta-se tristemente a um balcão esperando que lhe deem destino. Accendem-se as luzes, vem a noite, a hora em que elle em Lisboa calçava as luvas para ir ao theatro, fecham-se as portas, e um caixeiro indica-lhe serenamente que se póde deitar, como quem dá uma ordem. Trepá por uma escada estreita conjunctamente com outros e encontra-se n'um quartinho estreito, onde ha um duro leito de ferro, em que se deita.

N'essa primeira noite desfazem-se os seus sonhos. Desilludido e ferido, quer voltar. Sobrevem-lhe uma immensa saudade da sua terra e a si proprio declara terminantemente que não se sujeita, porque o que lhe haviam declarado é que «era necessario sujeitar-se».

Levanta-se cedo, porque o obrigam a isso, e desce ao armazem, estremunhado e contundido. Perguntam-lhe então o que quer fazer, porque logo o suspeitam incompetente, e como elle não responda coisa que elucide, mandam-n'o para o balcão a praticar, porque em sum-

ma é um recommendado. Reprehendem-n'ó, advertem-n'ó, chamam-n'ó á realidade com violencia e crueza. Não supporta. Disparata e foge, ou transige até poder voltar. E, cedo ou tarde, acaba por voltar, n'uma terceira classe, entre moinantes, com as suas ricas farpellas gastas e o coração n'um trapo, trazendo como unico vestigio das sonhadas fortunas que ideou, uma onça de tabaco mineiro e uma lata de goiabada.

Occorre naturalmente perguntar em que cathegoria de emigrantes se encontram aquelles que fazem fortuna no Brazil, porque é innegavel que alguns a fazem, e ahi estão a provincia do Minho, cheia de palacetes, e o Hotel Borges, cheio d'hospedes, a attestal-o com eloquencia.

Em geral, a fortuna não serve classes ou condições e bafeja os homens segundo caprichos e não segundo normas, mas se ha uma cathegoria de emigrantes portuguezes que no Brazil esteja mais exposta aos seus golpes, essa cathegoria é ainda, como o será sempre, a dos adolescentes, idos do campo como n'outras eras, despachados da aldeia com a sua candu-

ra e o seu terno de briche, á tradicional Casa de Negocio.

Ser novo é o essencial. Ser simples tambem. Com juventude e simplicidade, ha mais probabilidades de chegar ao fim, porque, por via de regra, o emigrante portuguez não vae ao Brazil fazer novo, crear ou fundar, e o que lhe convém é seguir a rotina, começando por onde todos começam até concluir como a maior parte, senão com a fortuna, pelo menos com a modesta mediania. Por isso o portuguez do Brazil nem é agricultor, nem industrial, mas commerciante.

O adolescente assimila tudo. Entra como marçano, aos doze annos, n'uma casa de commercio, onde o tratam com rudeza; mas aos quinze está habituado, aos vinte é senhor do seu officio, e aos trinta começa a conceber a esperanza de ser rico. Para conseguir tal *desideratum* não fez outro esforço que não fosse o de *sujeitar-se*, e n'esta fórmula está muitas vezes, senão quasi sempre, o segredo da fortuna. Mas, sujeitar-se é aturar patrões, fazer-lhes os recados, ouvir-lhes as reprehensões, ser castigado, ser humilhado. O adolescente,

servido da sua mocidade e da sua inexperiencia, arrosta galhardamente com estas primeiras provações, e, se a febre o não leva, está seguro de não perder o seu tempo, porque a carreira do commercio no Brazil é como a carreira militar: garante as promoções. Se fica na casa em que se collocou, aspira a possuil-a ou a partilhar dos seus interesses; se a deixa e tem credito, protecções, influencia, estabelece-se por sua conta, e cria uma rubrica ou uma firma, o que n'essa sociedade de negociantes equivale á gloria de um nome litterario.

Hoje, como outr'ora, como sempre, são estes os emigrantes portuguezes em circumstancias mais idoneas de fazer fortuna no Brazil. Os que fóra d'este limitado campo de acção conseguem enriquecer são casos d'exceptão, que não se citam senão a título de anedoctas. Mas, a par de uns e de outros, ha uma legião negra que succumbe á miseria, á nostalgia, á infecção, se não sobrevive para uma existencia de forçados.





III



AS ha um aspecto novo da emigração que convém ser considerado, pois que me embrenhei no assumpto e não veja motivo para não o esclarecer, tão completamente quanto está esclarecido para o meu espirito.

Aproveitemos o ensejo e façamos propaganda.

Enviando ao Brazil, sob a protecção e a cumplicidade dos governos, os seus milhares annuaes de emigrantes, Portugal não prescinde simplesmente de braços uteis. Portugal prescinde de cidadãos.

Convenho que isto não preocupe excessivamente os governos do meu paiz, mas preocupa o meu espirito, e tanto basta.

O portuguez que emigra, se não succumbe, ou não é logo repatriado, dispersa-se. O Brazil com os seus habitos portuguezes, a sua lingua portugueza, a sua tradição portugueza, empolga-o, penetra-o, adquire-o. Em pouco tempo, se não tem esquecido a sua patria, tem já adoptado uma outra. Com as suas faculdades de assimilação, tão características da raça, enverga a nova civilisação como um novo traje, adopta os seus usos, interessa-se pelos seus destinos, intervem na sua vida politica e civil, apaixona-se pelos seus principios, n'uma palavra — apropria-se do seu espirito. Esta absorpção da sua individualidade vae, pouco a pouco, habituando-o a considerar-se desligado da patria, que ama devotamente, mas com a qual já não tem compromissos. Chegado ao Brazil, o portuguez não torna a ter communição com o seu paiz, a não ser pelo Banco, que lhe transfere todos os mezes a pensão da velha mãe, ou pelos periodicos, que todas as quinzenas lhe fallam vagamente do que por lá se passa. Não

lê jornaes portuguezes porque não o interessam, não penetra na intimidade da vida portugueza porque está longe, ignora grande numero dos seus factos, muitos dos seus homens. Se tem curiosidades intellectuaes frequenta os gymnasios de lettras, de que é padrão o Gabinete Portuguez de Leitura, mas a sua applicação exerce-se toda no conhecimento do passado historico da sua terra. Do presente, nada sabe. Lê Garrett, Herculano e Castilho, os desenxabidos escriptores e poetas da Regeneração, mas ignora a novissima litteratura portugueza, como ignora todo o moderno movimento de idéas que tem revolucionado a nossa sociedade, em litteratura, como em arte, como em politica. Occupado do passado, em retrocesso de muitos annos, ficou amando um Portugal que já não é o de hoje, o Portugal de D. Maria e de D. Pedro V, o Portugal bonacheirão de D. Luiz. Assim o velho portuguez do Brazil embezerrou n'um ferrenho conservantismo, que o advento da nova republica, com as suas convulsões, não fez senão radicar.

Tendo ido muito novo para o Brazil, foi no Brazil que conheceu a vida e aprendeu a vi-

ver. Ali passou a sua mocidade, ali se fez homem, e, pela primeira vez, ali amou.

Os portuguezes do Brazil casam-se em geral com brasileiras. Mas na familia, assim creada, não mantem por via de regra, o culto da sua raça. Os seus filhos adoptam a sua patria de nascimento ; são brasileiros e, frequentemente, exaltados patriotas, o que os colloca muitas vezes em antagonismo com seus proprios paes. Habitua-se a amar ardentemente o Brazil e, não raras vezes, senão a detestar, a desdenhar a patria dos paes. Visitei um dia a casa de um abastado portuguez, chefe de numerosa familia, e notei com espanto e alguma irritação que as creanças se entretinham a discutir, a proposito da minha visita, a insignificancia do territorio portuguez á vista da grandeza territorial do Brazil, e, para me serem agradaveis, a recitarem-me motetes como este :

O' gallego, pé de chumbo
Calcanhar de frigideira
Quem te deu o atrevimento
De casar com brasileira.

Chegados á idade adulta, ou madura, os

portuguezes do Brazil interessam-se pela politica e pelos principios, votam, galopinam, des-empenham funcções publicas. Ainda durante a ultima guerra civil os vimos intervindo por fórmas directas e indirectas nas luctas dos dois partidos, o que não contribuiu pouco para excitar contra elles o movimento chauvinista e anti-estrangeiro então iniciado. O elemento republicano exaltado, a que tambem chamam *jacobino*, habituou-se a vêr na colonia portugueza um fóco de reacção contra as novas idéas, e tal prevenção foi o ponto de partida de uma campanha de hostilidades, que desceu dos jornaes e dos pamphletos á rua, e deu logar a conflictos graves.

Entretanto, do mesmo passo que assim se interessam pela vida intima de um Estado estrangeiro, ignoram as evoluções que vão transformando a sociedade do seu paiz, e volvidos a elle, ao cabo de muitos annos de ausencia, encontram-se deslocados n'um meio que não conhecem e que, por seu turno, não os reconhece.

Recemchegados, vivem como viajantes, em quartos d'hoteis. O Estado não os regista. Dif-

facilmente voltam a recuperar o lugar a que tem direito na vida civil. Para a familia, deixaram de ser o filho ou o irmão ausente, mas simplesmente o figurão ricaço que vem trazer a fortuna, illuminar a casa, envaidecer a aldeia.

Para o Estado deixou de ser o cidadão; para a familia deixou de ser o filho. E' o *brazileiro*.

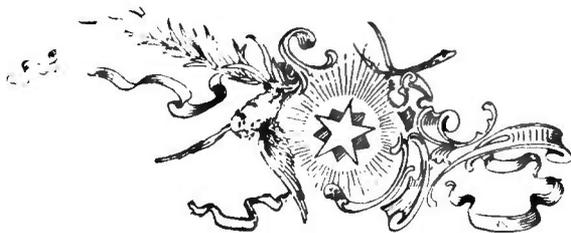
Esse brazileiro fica fazendo em Portugal uma existencia á parte. Se os seus meios de fortuna e o seu gosto pela vida rural lhe permitem ter uma quinta, vive na provincia. Se possui mediana fortuna e prefere a cidade, habita em hotéis, onde encontra antigos companheiros de emigração, com quem convive e com quem desabafa, porque tem sempre motivos de queixa do seu paiz. Juntos viajam, juntos passeiam, juntos vão ao theatro. Como tudo os affasta do convívio dos seus novos compatriotas, hábitos, educação, maneiras, nunca se separam, parecendo ligados nos ocios da sua terra, pela mesma solidariedade que os uniu nos dias de trabalho. E assim vivem agrupados, como uma classe ou uma tribu, fóra do convívio commum, alheios aos interesses da collectividade.

Tal o portuguez que Portugal recupera, depois de o ter deixado expatriar.

O movimento de classes que ultimamente se tem operado em Portugal, produziu, é certo uma emigração nova, mais intelligente e menos abastardavel, que, a avolumar-se, com o tempo, dará ao Brazil uma colonia de que nos deveremos justamente orgulhar.

Mas o colono d'hoje é ainda o colono d'outr'ora, e esse é um cidadão perdido para Portugal.





IV



O brasileiro é muito patriota, mas assim como é muito amante do seu paiz, é muito cioso d'elle, como de todos os attributos que o tornam bello e attrahente. Defende-o com exaltação e protege-o com escrupulo. Não consente que o ataquem e não gosta que o commentem. E' com elle, o que é com as suas mulheres,—ciumento e zeloso, e eu proprio não sei se n'este momento estou creando antipathias no Brazil pelo facto de consignar com tanta franqueza as minhas impressões.

N'esse exaggerado sentimento se origina talvez a propaganda anti-estrangeira que á data

da minha visita ia n'um terrivel *crescendo* de violencias, e que por certo ainda não cessou de todo, á hora actual. Essa propaganda, posto parecesse visar o elemento internacional, tão abundante como o de uma verdadeira occupação, attingia apenas a colonia portugueza, mais numerosa, e era exacerbada pelo facto, a que já alludi, de se considerar a mesma colonia como um centro de reacção anti-republicana e se suspeitar que ella havia cooperado, com a sua iniciativa e os seus capitaes, na obra equivocada do almirante Custodio de Mello.

O novo Brazil republicano viu na colonia portugueza um inimigo e como tal a tratou, com uma inclemencia que nem mesmo as suppostas cumplicidades portuguezas justificavam.

Publicaram-se jornaes á *Père Duchêne*, em que Portugal e os portuguezes eram objecto de ataques de toda a natureza, affixaram-se pasquins, formularam-se ameaças, travaram-se nas ruas, sob um bombardeamento de garrafas, desordens terriveis.

Da violencia dos periodicos nativistas dá idéa o seguinte artigo do *Jacobino*, ao tempo orgão dos vingadores da Republica :

EXTERMINIO DO PORTUGUEZISMO NO BRAZIL

A questão transcendente da actualidade é o aniquilamento do lusitanismo, como obstaculo maior ao desenvolvimento nacional.

Ha um seculo, o jacobinismo em França conseguiu firmar a Republica contra as facções reaccionarias que a dilaceravam internamente e repellir do solo da patria os exercitos invasores colligados para o restabelecimento da realeza e do predominio clerical.

O patriotismo dos jacobinos salva a nação, embora empregando meios violentos. Para combater o mal que nos flagella e que predomina ha seculos, só pela violencia dos meios e pela applicação de medidas energicas é que a Republica brasileira poderá desbaratar o inimigo commum que a avassalla materialmente e salvar-se do torpor em que jaz a Patria desde o seu descobrimento casual pela lusa-gente.

A propriedade urbana é patrimonio quasi exclusivo do portuguez.

O commercio lhe pertence, qual uma presa nos tentaculos de um polvo. A divida publica é, na quasi totalidade, o baluarte das fortunas adquiridas no trafico humano, de nefanda memoria, outr'ora explorado pelo insaciavel peninsular mourisco. Os empregos publicos já estão sendo invadidos pelos naturalizados, que, pouco a pouco, se aggreem para pesar um dia nos destinos politicos da nação e quiçá galgar a primeira magistratura, corrompendo para esse fim os vo-

tantes sem pundonor, com o ouro extorquido pela ganancia dos vendilhões do paiz, ludibriado em sua boa-fé.

Para desmorronar tamanha prepotencia e extirpar o cancro que corroe o organismo nacional, só resta aos patriotas agir desassombadamente, correndo ás urnas para eleger uma Constituinte Nacional, capaz de cumprir o seu mandato decretando leis de salvação publica, sancionadas e executadas pelo governo, a quem serão conferidos poderes discricionarios.

Em vista da opposição systematica manifestada pelos retrogrados portuguezes ao progresso nacional, ora publicamente, ora occultamente, segundo as conveniencias da opporrtunidade, o que é um dos caracteristicos da dubiedade lusitana, a Constituição decreta:

1.º—São considerados proprios nacionaes os predios pertencentes a subditos portuguezes eximindo d'est'arte os inquilinos do pagamento dos alugueis aos pretensos proprietarios do solo da nossa infeliz Patria, que não perdem occasião de enxovalhar e desacreditar, polluindo-a com a sua odiosa presença.

2.º—São riscados do registo da divida publica, os portadores lusitanos das apolices da nação, achando-se ellas resgatadas *ipso facto*, sendo isso uma pura restituição das exacções commettidas por esses abutres usurarios.

3.º—Fica estabelecido o imposto progressivo sobre as casas de negocio pertencentes, geridas ou commandadas por portuguezes, estabelecendo-se para esse fim a rubrica dos livros das mesmas, *ad instar* dos da

casas de penhor, assistindo á policia o direito de proceder a pesquisas.

4.º—E' prohibido á grey lusitana possuir em aguas brasileiras embarcações de qualquer especie, para evitar o contrabando e a pirataria, e interdicta a entrada nos portos nacionaes aos navios portuguezes, ou outros quaesquer que tenham aportado em plagas lusitanas, para preservar-nos do contagio microbiano.

5.º—A lei dos suspeitos, pondo fóra da alçada judiciaria todos os portuguezes, entregando-os a commissões militares constituidas *ad hoc* e fuzillando-os por qualquer delicto tendente á rebeldia.

6.º—Os tribunaes não poderão tomar conhecimento de recursos interpostos por portuguezes e far-se-ha a applicação da lei marcial aos nacionaes degenerados que tentarem proteger a grey incursa na lei dos suspeitos.

7.º—Será prohibido ás familias brasileiras consentirem que suas filhas casem com portuguezes, incorrendo na expulsão do territorio nacional as que transgredirem este artigo.

8.º—Serão immediatamente deportados da nação brasileira todos os portuguezes que vestirem a farda nacional.

Parapho unico.—Revogam-se as disposições em contrario.

A velha e natural incompatibilidade dos naturaes com os antigos occupantes transformou-se assim n'uma vehemente questão politica,

irritada até ao odio, e apaixonando todas as classes, como se viu mais tarde, por occasião do escandalo promovido no parlamento pelo deputado Erico Coelho, á chegada do ministro de Portugal.

De resto, as classes intellectuaes no Brazil andam em permanente briga com os portuguezes, em virtude do motivo, facil de encontrar, de que os portuguezes enchem o Brazil, sem comtudo levarem para a vida brazileira elemento algum de progresso mental.

Já em outro capitulo referi a preponderancia do negocio entre todas as manifestações da vida brazileira. O homem de lettras, o poeta, os artistas, os intellectuaes, suffocam n'essa athmosphera, e quasi desapparecem perante a urgencia das especulações da fortuna. Mas, no Brazil, o commercio é o portuguez, e o portuguez é ainda e sempre o inimigo.

Ainda ultimamente, ao percorrer as paginas do *Livro de uma Sogra* — absurdo paradoxo, diga-se de passagem — de Aloysio Azevedo, deparei com estas linhas bem significativas do permanente despeito do artista exasperado perante o triumphante homem de negocios :

Eis porque o negociante nem sempre convem para marido de nossas filhas.

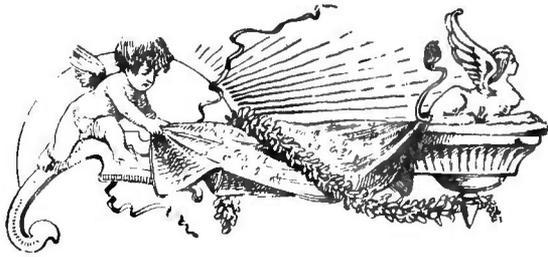
E eis porque, para synthetisar a escala geral da familia brasileira feita pelos portuguezes, formei este axioma.

Paes — commendadores; filhos — bachareis; netos — mendigos.

Quando similhantes odios invadem a litteratura, é porque teem um fundamento intellectual; mas, no fim de contas, o facto é este: — a base de toda a incompatibilidade entre portuguezes e brasileiros é a concorrência.

Os portuguezes disputam ainda aos brasileiros o dominio do Brazil, o que tem um remedio simples e é os brasileiros substituirem-se aos portuguezes em todas as iniciativas de que depende o seu progresso e a sua prosperidade. Quando houverem feito isto, desaparecerão os odios, porque o odio não é o sentimento de quem triumphá.





V



suburbio é o grande attractivo da capital brasileira.

E' ahí que vivem, conjunctamente, com os brasileiros ricos, os estrangeiros em via de enriquecer, fugidos dos bairros centraes ao temor da infecção. Quem habita a cidade é porque não póde ou não tem recursos para habitar o arrabalde, e, em geral, são os caixeiros ou marçanos das casas de commercio, um ou outro commerciante em começo de carreira, mulheres de vida airada, modestos *ménages*, gente pobre. Tudo o mais vive fóra, dorme fóra, o mais longe possível dos centros de negocio; mas os suburbios elegantes são os

das Larangeiras e os do Botafogo, servidos pela viação electrica, ruas mais largas, aspectos mais ridentes.

O *tramway* electrico que nos conduz até lá, é ligeiro, commodo, elegante e mais bem frequentado que os outros, em que a miudo se encontram negros e cabouqueiros. Na linha que serve os bairros aristocraticos, o regimen é menos democratico: ha *tramways* de segunda classe para a gente de côr e descalça.

O percurso effectua-se quasi sempre á beira mar, por amplas ruas e espaçosos caes, d'onde se descortina a vasta bahia e toda a immensa paisagem. A partir de um grande largo plantado de palmeiras, os *tramways* subdividem-se, tirados a mulas, que vão fazendo ouvir o tinir fino da sua campainha, e, emquanto uns sobem ás veredas alcantiladas das Aguas Fereiras, outros penetram pelo bairro do Botafogo, aos suburbios distantes de Humaytá ou dos frescos retiros da Gavea, perdidos já nas gargantas dos serros.

Quer se caminhe para um como para outro lado, o aspecto da cidade muda completamente, e dir-se-hia estarmos em qualquer grande

estação de verão. Tudo são casas ricas, palacetes no meio de jardins, vivendas enleidadas em trepadeiras, terraços de marmore, pittorescas fachadas de moradias campestres. Pelas ruas silenciosas não passa viv'alma. Através das grades prateadas dos parques, alguma aristocratica senhora repousa á sombra; *babies* jogam o arco; um trintanario de blusa limpa arreios novos á porta de uma cocheira; de um ou outro pesado portão sahe discretamente uma creadita de touca. Respira-se repouso e bem estar, opulencia e elegancia. A luz é quente e vibrante, o ar abundante e cheiroso, suave o remanso. Zumbem abelhas; um imperceptivel sussurro acaricia os ouvidos. Suspeita-se uma rica ociosidade.

No Botafogo, á beira mar, uma longa feira de casas olha para a bahia d'aguas placidas, onde o immenso bloco do Pão d'Assucar projecta a sua sombra, como n'uma paisagem de oteographia. Vê-se entrar e sahir os paquetes, e pela manhã desce-se de casa em roupão, a tomar banho.

O alto das Lorangeiras é um verdadeiro encanto. Ha pavilhões de uma architectura de

sonho, residencias d'estio que parecem convidar quem passa a ficar ali para todo o sempre, no regalo d'essa villegiatura ideal. Dir-se-hia Cintra, mas uma Cintra mais frondosa e mais rica.

Na Gavea vive-se em plena floresta, cercado de uma vegetação que avassala tudo. Caminho da Copacabana—pedaço arido de costa, onde a amplidão do mar vem morrer com tristeza, a vista surprehende panoramas como scenographias.

N'estes bairros ha hoteis, como o Metropole, grande como uma caserna, e *family-houses*, onde se refugiam os estrangeiros de passagem; mas, tanto uns como outros são carissimos, como tudo no Brazil.

Tive um dia de mudar de casa, porque a minha refrigerante Pensão me pareceu um pouco humida, e procurei naturalmente alogar-me para as bandas d'esses sitios elegantes. Muni-do de um numero do *Jornal do Commercio*, do formato do *Times*, visitei successivamente umas cinco Pensões. N'uma d'ellas, na praia do Russell, pediram-me cento e cinquenta mil réis por uma alcova com vista para o mar. Affirmou-

me a dona da casa que o sitio era lindo, o que eu bem via, e não discutimos preço, porque se me affigurou que ella o suppunha rasoavel. Pretextei um motivo differente para buscar outra installação, e, a seu conselho, vi uma Pensão de inglezes, em uma deliciosa travessa toda arborisada e cheia de sombra. Ahi, um creado irlandez mostrou-me o unico quarto desoccupado da casa, e, quando eu lhe perguntei o preço, disse-me com naturalidade que eram cento e oitenta mil réis, sem comida. Começava a desesperar de encontrar alojamento novo, quando, percorrendo as cerradas columnas de annuncios do *Jornal do Commercio*, deparei com esta breve indicação:—*Catete—Appartements meublés*. O Catete é uma rua intermedia entre a cidade e o arrabalde, e eu pensei que talvez ahi houvesse aquillo de que precisava. Toquei á campainha de uma porta e uma mulatinha esperta veio abrir. Perguntei-lhe se era bem ali que se annunciavam *appartements meublés*. Um pouco atarantada, mandou-me subir e introduziu-me n uma luxuosa alcova mobilada como um *boudoir* de mulher, toda forrada de setim azul claro e tendo ao centro um leito

monumental de acajou, verdadeiro leito de nupcias, envolto em cortinas, como para uma celebração. Disse-lhe logo que não queria aquilo, mas coisa mais modesta, para homem só, celibatario e de passagem. Pareceu então reflectir, pediu-me que esperasse um momento, e, pouco depois, reapareceu-me com uma alta e loira madama, envolta n'um amplo roupão de seda, que me olhou nos olhos, á franceza, com os seus claros olhos azues, e me perguntou se não estava contente, n'esse francez de formulas, que é tanto de Paris, e que em geral serve sempre para comprar ou vender alguma coisa.

Se estava contente?—*Mon Dieu, oui!* Mas, queria outra coisa. O aposento era sem duvida bello, mobilado com commodidade, mas queria outra coisa, mais simples, mais sobria,—o preciso para pernoitar, fumar um cigarro, ler um jornal, escrever uma carta, com bastante ar e alguma luz.

Alvorçada, rindo, bateu as mãos como quem acaba de resolver um problema transcendente, e exclamou, muito affavel, quasi intima :

— *Mais j'ai justement vôtre affaire!*

E enfiou por um corredor, fazendo ouvir o ruje-ruje do seu roupão no pavimento encerrado. Seguia-a em silencio, duvidando já do negocio que me propunha, desconfiado de tanta sollicitude e de tantas rendas, e pensando de mim para mim que estava em casa de uma *cocotte*, o que não deixaria de contribuir para augmentar a tarifa dos seus alojamentos de celibatario.

No fundo do corredor, ao lado de uma sala de jantar atravancada de buffetes, mostrou-me um escuro quartito de passagem, e disse-me triumphante:— *Voici!*

— Como! Era só aquillo?

— *Mon dieu, oui!* E foi uma chuva de crystallinas palavras de seducção para me convencer a ficar com o quarto.

Recusei polidamente, mas terminantemente, affirmando que queria viver só, sem interlocutores e sem interruptores. Então, como visse que eu estava bem decidido, reflectiu um momento, d'olhos no chão e dedo no labio, muito séria e grave, resolvida por seu turno a não me deixar sahir, e, subitamente, como illuminada por uma idéa, segurou-me docemente no

braço e levou-me para a salla de jantar. Ahi, de pé, appoiada á meza, expoz-me o seu plano grandioso. — Ceder-me-hia o seu quarto! E como eu, logo balbuciasse palavras de escusa, — *isso não, de maneira alguma, para que incommodal-a, em outra parte encontraria* — tapou-me a bocca com familiaridade e foi-me mostrar o seu quarto — uma alcôva interior, tresandando a perfumaria e em cuja penumbra me pareceu ^{que} havia um enorme divan servido por dois grandes almofadões.

— Que tal?

Não tive coragem de recusar, premeditando pôr-me ao fresco e não volver a apparecer, e então, muito comediante, simulei acquiescer e perguntei o preço.

Não m'o disse logo, mostrando-se affectuosa e prometendo-me um tratamento de encantar, com saborosos chocolates do *Menier* — *vous preferez le Ménier, n'est-ce-pas?* — e delgadas fatias de pão torrado, pela manhã; uma boa chavena de chá preto, que ficaria sobre a meza de jantar, para o recolher; jantarinhos á franceza e um ou outro prato da cosinha brazileira para os almoços da uma hora. Informou-se dos meus

habitros, da minha nacionalidade, do objecto da minha viagem e concluiu por me felicitar por a haver encontrado: — *Allez! Vous avez de la chance!*

Insisti pelo preço, comprehendendo que ella não m'o queria dizer senão depois de me haver completamente envolvido na promessa das suas palavras.

Riu, affirmou-me que por tal motivo eu não deixaria de habitar a sua casa, e, de repente, formalisando-se, disse, demorando-se na primeira palavra: — São. seiscentos mil réis.

Eu, não pestanejei.

E explicou — seiscentos mil com pensão, já se vê. No quarto grande, que eu vira primeiro, eram setecentos. De resto, far-se-hia mais tarde um arranjo, se eu me demorasse alguma coisa. Que em summa, por questão de preço, não seria a duvida e que o que desde já podia affirmar-me era que em nenhuma outra parte estaria como ali.

Morto por concluir, procurando parecer sereno, colhi a bengala que deixára a um canto, e affirmei com impudencia que estava resolvido a ficar. Entretanto, ia sahir, cuidar das

malas, e voltaria no dia seguinte a instalar-me. Mas ella, suspeitando que eu lhe fugiria, insistiu porque ficasse desde logo, mesmo sem bagagens, que se incumbiria de mandar buscar. Então escusei-me com energia, e apressadamente, retirei-me entre um murmurio de palavras doces: — Conto comsigo, veja lá, não falte, *bon jour, adieu, au revoir, c'est ça, merci!*

Na rua bufei — Safa! e, a dois passos d'ali, tive a sorte de encontrar uma arejada salinha n'um rez-do-chão, por um preço modico — noventa mil réis.

Era na rua de D. Luiza, uma rua de cascalho, como as das aldeias, cheia de arvores e de silencio.

E por ali me fiquei até que parti, servido por um surdo-mudo, e tendo por visinhos um casal de amantes — d'estas coisas que só a mim succedem.





VI



N virtude de successivas interpelações, fui á Tijuca, assim como subi ao pincaro do Corcovado.

Affigurou-sc-me que parecera estranho que eu não visitasse esses afamados logares, e foi como quem cumpre um dever de via-

jante que, por uma clara manhã de domingo, tendo-me vestido de campo, me encaminhei para a Tijuca, n'um rancho de amaveis cicerones.

O percurso tem *étapes* diferentes. Faz-se primeiro em *bond*, pela extensão da grande alameda de um magnifico suburbio todo povoado de ricas vivendas. Depois o *bond*, desatrelado da sua parelha de mulinhas, transforma-

se em *tramway* a vapor e, tirado por uma pequena locomotiva, enceta os primeiros ingremes caminhos da montanha, entre uma nuvem de poeira e silvos agudos.

A Tijuca é um sanatorio, e já então começa a vêr-se apparecer, na frondosa vegetação, os hotéis de cura, reclamando, em grandes taboetas, a sua excellente situação, os bons ares, as aguas correntes.

Em seguida deixámos o *tramway* e, n'uma estação de trens, alugámos um *landau*, que, através de caminhos tallados pelas encostas das serranias, nos conduz ao primeiro sitio pittoresco d'essa nova e encantada Cintra.

O sol dardeja. O *landau* sóbe lentamente, e, sob a luz crúa, cerramos os olhos.

Em volta, a floresta gorgeia. Do incio da estrada levantam o vôo bandos d'aves cantando; por entre a folhagem, borboletas de grandes azas maculadas de tintas brilhantes, como eu só vira nas *vitrines* dos museus, pou-sam de folha em folha.

Junto do edificio de um hotel parámos e, por accordo geral, despedimos o trem, resoluvidos a ir a pé.

A pureza da manhã, o pittoresco do logar, o almoço esperado com impaciencia á sombra de um terraço, a perspectiva de lindas coisas a vêr, tudo presagiava uma excursão deliciosa, e, com effeito, nenhum logar se presta melhor do que essa sussurrante Tijuca a refugiar n'um dia o homem fugido aos negocios, aos cambios e ao calor.

Almoçou-se bem, como se almoça n'esses passeios, e seguiu-se a pé pela floresta dentro, entre muralhas de macissa vegetação, no meio de um silencio de cathedral.

A Tijuca é a natureza do Brazil, uma natureza á Gustavo Doré, espectacular e theatral, que se vê uma vez e não se volta a vêr, como as magicas, que, perdida a illusão, perdem o interesse. Surprehende, mas não attrahe, porque não parece destinada a servir de quadro ao homem, senão a ficar para sempre virgem e inviolada. É grande de mais e contém um mysterio que vagamente assusta.

Torna-se banal contal-a, porque toda a gente sabe o que ella é, mesmo sem a ter visto, e a unica impressão nova que se recebe é a do seu conjuncto que se não define e de que só pôde

ter-se idéa concebendo a Creação, o Genese, o Grande dia do mundo, ao alvorecer.

Tudo o que vi então tinha visto em estampas — os mesmos robles gigantescos, os mesmos granitos, as mesmas quedas d'agua, a mesma nesga de ceu azul em criptas de verdura.

O grandioso tem o defeito de estar contado, de modo que, se surprehende, não commove.

A Tijuca é isto — surprehendente.

Passámos o dia todo a passear por ella, sob a frescura das suas arvores, sentados junto das cascatas, a ouvir cahir a agua com estridor, e, quando nos pareceu que era tempo, pozemos a caminho da cidade, sempre a descer por interminaveis ladeiras que alfim lá nos levaram, estropiados, ao *bond*, que é, no Brazil, por onde começam e acabam todas as coisas.

O passeio ao Corcovado tem mais novidade e encanto. Já o meio de transporte de que nos servimos para ascender ao pincaro nos interessa.

Um caminho de ferro de cremalheira, lançado da base ao mais alto cume da montanha, a que chamam o Corcovado por indicar no

seu pincarar uma ligeira corcova, trepa com velocidade por uma rampa, a principio suave, levando consigo na carreira, galhos d'arvore e folhas, porque tudo em volta é matto. A meia derrota, pára n'um apeadeiro rustico, recebe e larga gente, continúa a subir, de novo se embrenha no matagal, levantando, ao passar, bandos de passarada, e, subito, apparece-nos marinhando a uma prodigiosa altura, pelo resvaladoiro escaldado do monte, na luz e na ventania do espaço. Olha-se para baixo com pasmo e medo e, confusamente, vê-se a terra, o oceano, lagunas, bosques, e, como n'uma planta, a cidade. A carruagem arqueja, dir se-hia que caminhamos verticalmente para cima, e passa-nos então de repente pelo espirito a idéa de que essa audaciosa caranguejola se vae despenhar.

Em cima, sob um amplo kiosque de ferro, todo vibrante, um homem triste, por detraz de um balcão, vende cerveja — nas nuvens. D'um terraço contempla se então o panorama, e posso assecurar que poucas vezes se verá cousa tão grandiosa e tão bella.

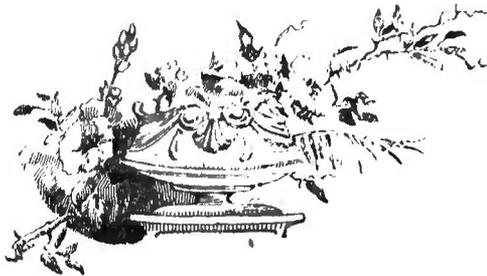
Não é o panorama de uma cidade, vista de

eima, como de um outeiro. E' melhor ; é o panorama da Terra, da propria erusta da Terra. Qualquer coisa de informe e de amorpho, qualquer coisa de vagamente monstruoso e confuso— a natureza da Biblia, como depois do Diluvio.

A meio caminho da montanha, pára-se a almoçar ou merendar no Hotel das Paineiras, e enquanto se faz horas para regressar á cidade, percorre-se a vereda de um velho aqueducto, no meio de uma vegetação esmagadora.

A exeursão ao Corcovado tem isto de bello —o permittir ao homem que a fez, conceber a Terra, tal como ella foi creada, ter uma visão do Cosmos, apoderar-se n'un só olhar do admiravel equilibrio e da augusta magestade da Natureza.





VII



PELAS notas que tenho deixado esparsas por este livro, já fiz comprehender que o Rio de Janeiro é um centro de negocios dividido em duas cidades, ou zonas — aquella em que se trabalha e aquella em que se habita, assim como fiz comprehender quanto uma é pittoresca e agradável e quanto a outra é velha, feia, suja, infecta. Os brasileiros, que o sabem tão bem como eu, não m'o levarão, por certo, a mal.

N'esse Rio de Janeiro, classico, dos negocios, os serviços de viagem parecem não existir, como parecem não existir muitos outros serviços dependentes da municipalidade. As ruas

encontram-se habitualmente n'um estado lastimoso, tornando a circulação o mais possível penosa. Certas praças publicas, como a da Constituição, ao tempo em que a vi, tinha o ar de estar a monte e—assombrosa incuria!— o mercado de uma tão populosa cidade é uma accumulção de barracas de feirantes, n'um grande pateo, onde cheira a peixe e a cebolas.

Este detalhe, não o quero deixar escapar: no Rio de Janeiro não ha chalets publicos de necessidades, como ha pouquissimos *water-closets*, e esses poucos entulhados e arruinados. O transeunte accommettido por qualquer grave accidente imprevisto, tem que appellar para a longanimidade do lojista, que é em geral indulgente e faculta soccorros a quem lh'os reclama.

Mas não só nos serviços municipaes, como em muitos serviços publicos, ha desmazelo e tumulto.

Entreí uma unica vez n'uma secretaria do Estado, para cumprimentar um ministro e fiquei pasmado da facilidade com que pude chegar até elle.

Por indicação de um porteiro, subi a um

primeiro andar. Ahi empurrei uma porta e encontrei-me n'uma sala cheia de escrivaninhas. Como os empregados estivessem todos á janella, a ver não sei o quê, bati com a bengala no chão, tossi, arrastei uma cadeira, afim de chamar a attenção sobre mim. Um d'elles voltou-se, sem deixar a janella, por certo muito preocupado com o que se passava na rua, e a uma pergunta minha, de chapéo na mão — o sr. ministro? — respondeu: «E' lá dentro, por essa porta, ao fundo da sala.»

Sem caber em mim de surpresa, segui a indicação, levantei um pesado reposteiro onde havia as armas do Brazil, e entrei n'uma sala grande como uma sala de throno, onde duas ou tres pessoas esperavam. Timidamente e em voz baixa, perguntei a uma d'ellas onde era o gabinete do ministro, ao que me respondeu que ao fundo, por traz d'um reposteiro. Mas não me atrevi a entrar, habituado ás formalidades e empecilios que em Portugal é costume levantar á porta de um gabinete de ministro, e receiando, apesar de tanta semcerimonia, ser indiscreto e ousado. Demorei-me, portanto, na sala, á espera de um ensejo para entrar, quan-

do o mesmo empregado que me fallara passou e, reparando em mim, disse — «Olhe, é ali. Entre, póde entrar!»

Entrei e, apezar de não me fazer previamente annunciar, fui excellentemente recebido.

Reflecti que o Brazil não era, por certo, um paiz de pretendentes. D'outra fórma, a entrada de um gabinete de ministro não seria franca da com tanta facilidade.

Na camara dos deputados observa-se a mesma semcerimonia e a mesma ausencia de formalidades. Descem á sala os jornalistas e os *reporters* parlamentares, penetrando por entre as bancadas dos deputados e confundindo-se com estes. Os continuos não usam uniformes, de maneira que, á primeira vista, não é facil distinguil-os dos membros da assembleia. No buffete, ha uma meza, com uma toalha suja, ao meio da qual pousam garrafas de xaropes e licores. E' ali que os representantes da nação vão refrigerar-se, nos intervallos das discussões. Pelos corredores não vi porteiros, e um extranho introduziu-me n'uma tribuna particular, onde a principio estive pouco á vontade, por me parecer que era abuso occupal-a.

No proprio palacio da presidencia da Republica penetra-se sem grande embaraço e ouvi que era mais facil abordar o chefe do Estado no Brazil do que chegar á presença de um simples chefe de repartição em Portugal.

Convém comtudo accrescentar que isto provém em parte da bonhomia natural do character brasileiro. O brasileiro é, por excellencia, o homem sem cerimonia, e esta expressão — *não faça cerimonia*, é a que mais frequentemente se ouve no Brazil.

O mesmo apparente tumulto que se nota nas coisas do Estado, nota-se nas coisas do lar. A casa de familia no Brazil resente-se um pouco da falta d'ordem e de methodo que presidem á organização publica, para o que contribue em grande parte a defficiencia do pessoal do serviço domestico. Em sua casa, o que o brasileiro pretende é estar á vontade, assim como a grande fórma da hospitalidade brasileira consiste em pôr os outros «á vontade», para o que se exime de todas as praticas habituaes da hospitalidade europeia.

Na Europa, um jantar é um acto cerimonioso, quasi solemnc. Quando a pessoa ou

pessoas convidadas são pouco intimas, põe-se a meza *ad hoc*, com garridice e aparato e faz se um jantar, que não é o jantar de todos os dias. Por isso, o convite é feito com antecedencia, para haver tempo de preparar as coisas.

Chegada a hora do jantar, para que se faz uma *toilette* que depende da posição social das pessoas que convidam, os donos da casa conduzem os seus hospedes á sala onde vae ter logar a celebração, indicam-lhes logares de honra, e quando mandam servir a sopa teem na voz a gravidade de sacerdotes annunciando que vae começar a missa.

A' meza, todas as atenções são para os convidados. Vigiam-lhes os movimentos, para acudir a algum dos seus desejos,—o pão que está longe ou o garfo que falta—, incitam-nos com affectação a que comam de certos pratos mais do que muitas vezes lhes appetee, e, á sobre-meza, fazem-lhes brindes com solemnidade, no meio do silencio de todos.

Jantar fóra é por isso, muitas vezes, um grande incommodo.

A hospitalidade brasileira supprime por ha-

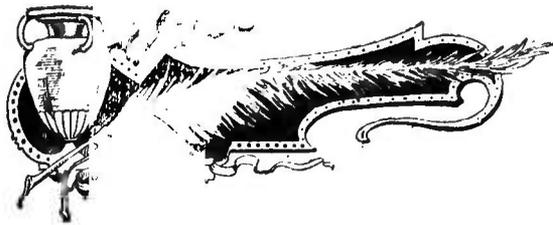
bito estas formalidades, e, a não ser n'uma ou outra casa rica, n'um ou outro jantar de festa, a absoluta semcerimonia é a lei.

Primeiramente, é raro ser convidado para isto que se chama «um jantar», Vae-se comer a casa dos outros, o que é diferente, e come-se do que ha, *à la fortune du pot*, como designam os francezes. Cada um senta-se, como disse, onde quer, se a familia é numerosa e ha muita gente á meza; á direita ou á esquerda da pessoa que preside ao jantar, se a familia é pequena. O jantar está servido: todos os pratos estão sobre a meza. Depois da sopa, cada um chama a si a iguaria de que mais gosta e serve-sc, e muitas vezes no mesmo prato serve-se d'outra. Para o recémchegado. semelhantes habitos naturalmente chocam. Retrahe-se, não come. Mas uma voz hospitaleira não cessa de recommendar do fundo da meza: —«sem cerimonia, sem cerimonia!», e á força de ouvir esta advertencia, os mais acanhados vão perdendo escrupulos, comprehendendo a bonhomia da situação e empanturrando-se á vontade, como n'uma meza de restaurante. Entretanto, as conversações generalisam-se e,

se á meza ha muita gente, quem está de fóra não tarda a passar despercebido. A sobremeza é comida á pressa, porque estão todos com vontade de ir para o jardim passeiar, ou para a sala dar á perna, e, tomado o caffè, todos se levantam e vão em ranchos, cada um para seu lado, espairecer e digerir. Em certas casas, a impaciencia das meninas e das creanças não lhes deixa concluir o jantar. Levantam-se uns após outros, aproveitando-se do tumulto das conversações e correm para a sala de visitas a abrir o piano e a improvisar, *in continenti*, um baile.

Está claro, isto não succede em todas as classes, mas é a norma nas classes medias, e em tudo isto, como observei, o estrangeiro não póde deixar de reconhecer uma vaga indisciplina e um evidente tumulto, mascarando-se sob as fórmulas da mais patriarchal bonhomia.





VIII



DELO que pude vêr em tão eurto espaço de tempo, pareceu-me que o mal fundamental da sociedade brasileira é uma profunda indisciplina de classes.

A desordem, a rixa, o motim são frequentes accidentes de rua na capital do Rio de Janeiro. A' noite, nos theatros, não são raros os pugilatos, por questões de mulheres. Nos restaurantes travam-se ás vezes conflicts que envolvem dezenas de pessoas. O brasileiro, facilmente inflammavel, passa a vias de facto por motivos futeis, e onde quer que se encontre, a sua bengala está prompta a levantar-se.

Os cidadãos não teem uns pelos outros aquella porção de respeito que seria mister, e na sua agitada existencia em commum a cada passo o mostram, injuriando-se e muitas vezes agredindo-se, por exaltação e impetuosidade de genio. D'este grave defeito resulta que as relações com os subalternos são muito melindrosas, attendendo a que o principio de tudo nivelar, que o advento da Republica trouxe consigo, incutiui no espirito das classes inferiores uma multidão de idéas perniciosas sobre os seus direitos.

Já tive occasião de referir quanto é má a *tendue* dos creados dos caffès e restaurantes. O mesmo que succede com os creados succede com os cocheiros, os conductores, os empregados inferiores da administração publica, emfim com todos os subalternos.

Uma tarde, ao recolher a casa, n'um *bond*, assisti a uma scena violenta entre um passageiro e o conductor e em que este acabou por injuriar aquelle pela fórma mais insolente, assim como li n'um jornal que os cocheiros dos *bonds* de uma certa linha tinham por costume maltratar os passageiros. E' certo que os co-

cheiros são em toda a parte a gente mais malcreada do mundo, mas no Brazil não são apenas os cocheiros que se fazem notar pela sua impertinencia. O Imperio é bastante culpado d'esta indisciplina, que elle, para se servir, favoreceu notavelmente; mas o que sem duvida a veiu aggravar foram as luctas que acidentaram os primeiros annos da Republica.

Quando eu estive no Rio de Janeiro, ainda a vida publica se resentia do abalo por que o paiz passára e as ruas eram ainda o reflexo da grande agitação que ficara nas almas.

Na rua do Ouvidor, centro de operações politicas, affixavam-se boletins alarmanes. Certas discussões originavam conflictos; trocavam-se bengaladas em pleno dia; corriam boatos de mortes. A' sahida do parlamento, os deputados eram atacados por populares facciosos. A questão da amnistia levantava uma onda de rumores. A' porta dos jornaes faziam-se manifestações. Uma noite, ao entrar no Paschoal, — a confeitaria de moda, — fecharam sobre mim precipitadamente as portas e ficamos lá dentro uns poucos. Perguntei o que havia. Responde-

ram-me que um grande tumulto mais abaixo, e que se haviam trocado tiros.

No Rio de Janeiro todo o commercio fecha precipitadamente quando ha noticia d'alguma desordem grave nos arredores. Uma tarde de votação sensacional na camara, como um popular corajoso atravessasse uma rua gritando — abaixo o parlamento!, de revolver em punho, todas as casas fecharam. Eu estava n'uma d'ellas, na rua do Hospicio, e, de repente, ouvi bater ás portas com estridor e vi gente a correr, ao mesmo tempo que uma voz dizia — Fecha! Fecha!

No primeiro instante de surpresa suppuz que era um furacão, um cyclone, qualquer d'esses violentos phenomenos da atmospherá; tão frequentes nos tropicos, o que produzia o panico.

Mas logo disseram: Não é nada!

Foram pessoas da casa saber o que se passava e trouxeram a nova do rapaz de revolver em punho a gritar — abaixo o parlamento! As portas tornaram a abrir, os caixões desalojados foram postos no seu lugar, e o socego restabeleceu-se.

A perguntas minhas, responderam-me que era sempre assim em momentos de agitação publica, e que, em certos dias, o commercio fechava e abria duas e mais vezes, ao grito de *fecha, fecha*.

Comprehende-se que de taes condições de vida civil se resintam as classes militares, e, com effeito, o exercito no Brazil está longe de ter a apparencia de um exercito disciplinado, e digo apparencia, porque não conheço a sua organização.

O soldado veste mal a farda. As correias lansas pendem-lhe da cintura; a bayoneta, posta de lado, bate-lhe nas pernas; a fardeta, mal ajustada, deixa-lhe vêr, com o andar, o cós das calças; traz invariavelmente o képi atirado para a nuca, ou posto á banda sobre o olho direito. Anda sem aprumo, bamboleando o corpo e, quando está de sentinella, encosta-se frequentemente ás paredes. Em pelotão mantém um relativo aprumo. Isolado, perde todo o garbo.

Os soldados de cavallaria montam com intrepidez, mas não sabem montar, e, como os de infantaria, teem todos o pessimo habito de usar o kepi para a nuca, mesmo na fileira.

Nas suas relações com os seus superiores não são, pelo que vi, d'uma absoluta correcção. Approximam-se-lhes com familiaridade, fallam-lhes sem as rigorosas fórmulas adoptadas no exercito, e esquivam-se, sempre que podem, ao dever de os cumprimentar militarmente.

N'um *bond* vi um dia um soldado pedir lume a um alferes, que lh'o deu, e um outro, despedindo-se igualmente d'um alferes, dar-lhe uma palmada familiar n'um hombro.

Na rua, a soldadesca entrega-se ás vezes a excessos. Einbriaga-se, arma desordens. N'uma noite de festa, na praça da Constituição, vi um grupo de soldados provocar transeuntes e atirar a terra um pobre rapaz que passava e que, pondo-se a pé, desatou a fugir como de um perigo, sem olhar para traz. Um moço brasileiro, com quem me encontrava n'essa occasião, pareceu-me affligir-se muito por eu haver presenciado este incidente e concordou comigo em que o exercito do seu paiz carecia de um regimen mais rigoroso.

N'um theatro lobriguei uma noite um official de infantaria, de uniforme e coberto com uma

capa hespanhola. Segui-o para me certificar, e não me havia enganado : era authenticamente uma capa hespanhola. Comtudo, os officiaes vestem bem os seus brilhantes uniformes.

O aspecto do soldado brasileiro não é bom. Todavia o soldado é excellente, tendo, ao contrario do que se imagina na Europa, uma grande resistencia, essa resistencia exclusivamente militar, a que os francezês chamam *endurance*, e sendo, quando é preciso, corajoso e bravo. Mas isso não basta, e o soldado brasileiro, bom em tempo de guerra, precisa mostrar-se igualmente bom em tempo de paz.

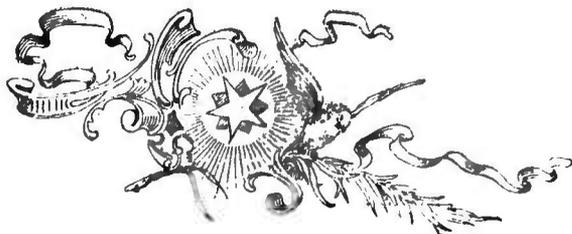
Não sei, nem está no plano modesto d'este livro, averiguar como o Brazil conseguirá impôr-se uma severa norma de conducta civil, tão necessaria á affirmacão do seu progresso moral, mas affigura-se-me que com simples leis o poderá fazer sem difficuldade, se encontrar quem disponha de energia bastante para as fazer executar.

O Imperio corrompeu-o ; é mister que a Republica o moralise, tendo em vista que os defeitos do Imperio foram precisamente as suas qualidades. O Imperio foi dissolvente, porque

não teve caracter. A Republica tem de ser intransigente se quer salvar o Brazil. A obra do sectarismo está finda; o que urge é começar a obra da Reforma, esquecendo por um momento que existem partidos, para se recordar que existe a sociedade, definindo as Constituições, mas não cessando de promulgar posturas, porque acima de tudo é de posturas que o Brazil precisa. Posturas para as suas ruas, posturas para os seus cidadãos, posturas para os seus soldados. Posturas — quer dizer: ordem.

Com um bom código de posturas e uma policia em termos, o Brazil fica como novo.





IX



ENTRE as grandes celebrações do Brazil, o Carnaval é talvez aquella de que elle mais se orgulha, porque o Carnaval do Rio de Janeiro — segundo o unanime consenso — conta entre os melhores do mundo, a par do velho Carnaval de Roma e do luxuoso Carnaval de Nice.

Eu não assisti a nenhum dos festivaes carnavalescos do Brazil, mas pelo que me referiram exaltadamente, sou levado a crer que o Carnaval do Rio é um acto de loucura collectiva.

A iniciativa da folgança é tomada por dois ou tres clubs carnavalescos, especie de asso-

ciações de recreio fundadas por individuos do commercio, para dançarem durante o anno e sahirem apparatusamente nos dias epicos do Entrudo.

Esses clubs organisam os cortejos e as cavalgadas, e são elles na realidade que fazem o Carnaval, de dia exhibindo-se nas ruas, de noite surgindo ruidosamente nos theatros. Taes cortejos e cavalgadas — dizem — são quanto possivel apparatusos e ricos, e n'elles se gastam sommas fabulosas, havendo casos de fortunas compromettidas por tal motivo. Constam de carros allegoricos e de allusões politicas, construidos de maneira a poderem caber nas estreitas ruas da cidade velha, e são tripulados por mulherio alegre e gente nova do commercio. Não posso suppôr o que digam e o que façam durante o trajecto. Affirmam-me, porém, que bebem muito e que alguns ficam estatelados antes de chegarem ao fim. Um dos mais entusiastas referiu-me que é costume levar bebidas para o caminho, e que, durante o itinerario, se esvasiam garrafas e garrafas de Champagne, em honra da deusa Folia.

O que ha de mais curioso n'esta festa é que

ella dá ou dava logar a um grande motim de rua, accidentado de grossa pancadaria e, não raro, de tiros de revolver.

E' o caso que duas das mais afamadas sociedades carnavalescas do Rio de Janeiro mantêm de longa data uma séria rivalidade, que ambas promovem mirabolantes cortejos e que, succedendo por vezes encontrarem-se na mesma estreita rua, se travam de razões e ali mesmo, em plena festa, decidem, com violencia, qual deve passar, ou qual deve retroceder.

A mim affirmou-me um sobrevivente d'essas batalhas que quando os *Democraticos* e os *Fenianos* se encontravam nas ruas, a «coisa era séria».

O mais extranho é que essas rivalidades subsistem durante o anno, na epocha intermedia do trabalho, e que os *Democraticos*, incompativeis com os *Fenianos*, no Carnaval, mantêm a sua incompatibilidade fóra d'elle. O *Democratico* não vae ao baile do *Feniano*, como o *Feniano* não vae ao baile do *Democratico*, e quando por acaso, n'algum momento banal da vida, se allude a qualquer das suas seitas carnavalescas, franzem o sobr'olho.

Já viram coisa mais infantil?

D'essas sociedades fazem parte grande numero de portuguezes, porque o portuguez do Brazil, quando toma pé, gosta de se divertir, e é elle porventura o mais apaixonado por tal genero de divertimento. A alguns, já retirados, ouvi fallar com saudade dos velhos carnavaes. Outros, contando façanhas de antigos tempos, diziam-me com orgulho: Fui Fenianc!

Em summa, todos tem n'esta vida o seu Austerlitz!

Como os *Fenianos* e os *Democraticos* déssem bailes frequentes, tive occasião de assistir a uns dois, em ambas as casas rivaes.

Qualquer d'essas associações tem a sua installação propria.

Os *Democraticos* estão alojados n'um primeiro andar de uma rua do bairro velho. Os *Fenianos*, installados com mais luxo, teem uma boa casa de dois andares, com vistosa fachada para uma praça.

Os bailes começam á meia noite e terminam pela madrugada, dia clero. Vae-se á vontade, ou quando muito enverga se uma sobrecasaca, porque a sobrecasaca, no Brazil como na In-

glaterra, serve para muitas coisas. A concorrência é toda constituída por homens do commercio e mulheres da vida alegre, brazileiras, estrangeiras e uma ou outra bella mulata, em geral vestidas com pomposas *toilettes*.

Os convites para esses bailes costumam ser feitos em annuncios nos jornaes, ou em vistosos cartões ornados de chromos e redigidos: em prosa e verso, em estylo *rigolo*, como este:

Club dos Democraticos

GRANDE BAILE

Sabbado, 5 de outubro de 1895

Bellas ideas peccadoras,
Imitae vossa mãe Eva,
O Eterno as faltas releva
Do bello sexo hoje em dia;
Passou de ha muito, Senhoras,
No ceu, a *plena amnistia* . . .

Marau & Turuzo

SECRETARIOS

Além d'estes bailes, que costumam ser men-

saes e teem a grande attracção de uma lauta ceia final, ha os bailaricos semanaes, a que corre menos gente e que concluem friamente, sem ceia. A esses bailaricos dão os nomes exóticos de *fandanguassú* e *forrobódó*, que debalde procurei comprehender.

Veja-se, por exemplo, este convite :

Club dos Democraticos

Convite especial ao sr.
..... para o Fandanguassú do Grupo
dos Engrossadores.

Em 21 de setembro de 1895.

O SECRETARIO

Dr. Molho.

A esses bailes não se vae, como poderá suppor-se, simplesmente dançar em liberdade valsas e polkas. A esses bailes vae-se matar um vicio.

Todos os povos teem o seu vicio. O portuguez vae á taberna ouvir guitarra; o francez vae ao theatro ouvir canções; o hespanhol aos touros; o allemão ao concerto.

O brasileiro vae aos bailes dançar o *machiche*.

Mas o machiche é como o *can-can*, o *chahut*, uma dança bannida dos lares, por indecorosa. Então, o brasileiro vae onde sabe encontrar-a, e se não é em bailaricos pagos a mil réis a entrada, é nos bailes das sociedades carnavalescas que o procura. De resto, o *machiche*, como os jogos clandestinos, dança-se por toda a parte, com excepção, já se vê, dos lares, onde esboçal-o sequer no movimento de uma mazurka, é praticar um acto da mais revoltante indecencia.

O que vem a ser o *machiche*?

Nada mais simples e, todavia, nada mais difficil de contar.

O *machiche* póde definir se d'esta fórma — enlace impudico de dois corpos; ou assim: conjuncção indecorosa dos dois sexos.

O *machiche* é um tango, dansado á hespanhola, por brasileiros. Será isto?

A sua música é a musica dos tangos, com um rythmo novo, introduzido no Brazil por compositores brasileiros; mas, na realidade, dança-se ao som de todas as musicas, de val-

sas, como de polkas, como de marchas, arias ou canções, porque o *machiche* é o acto de dansar e não a propria dansa.

Os pares enlaçam-se pelas pernas e pelos braços, apoiam-se pela testa n'um quanto possivel gracioso movimento de marrar e, assim unidos, dão a um tempo tres passos para diante e tres para traz, com lentidão. Subito, circumvoluteiam, guardando sempre o mesmo abraço, e, n'esse rapido movimento, dobram os corpos para a frente e para traz, tanto quanto o permite a solidez dos seus rins; tornam a volutir com rapidez e força, tornam a dobrar-se, e, sempre lentamente, tres passos á frente, tres passos a traz, vão avançando e retrocedendo, como a quere-rem possuir-se.

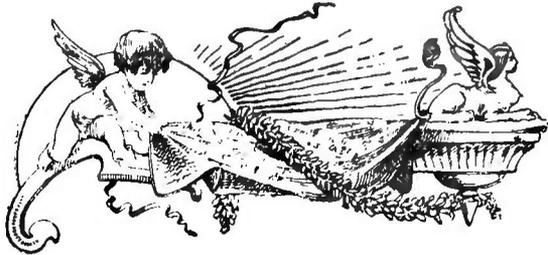
Dança-se com doçura e dança-se com phrenesi. Os *machicheiros* de paixão (*machicheiro* é o nome do que baila o machiche por vicio) dançam-n'o com phrenesi, incessantemente, e nem a fadiga nem o calor os vence. Quando cessam de dançar é dia e ainda não estão saciados.

Não me pareceu que o machiche fosse dan-

sa excessivamente culta, mas como dansa licenciosa é de se lhe tirar o chapéu.

Durante o Entrudo, como durante o anno, o que se dança nas sociedades carnavalescas é o machiche. No Carnaval, porém, o machiche aggrava-se e attinge proporções epilepticas. A febre amarella conta-o então, mais do que nunca, no numero dos seus collaboradores.





X

Ho cabo de algum tempo, vence-nos uma avassaladora nostalgia, e o Brazil tão bello, começa a exercer sobre nós uma extranha pressão. A natureza esmagamos. Achamol-a grande de mais e sentimos a necessidade de lhe fugir, de a trocar por outra, mais modesta, mais humana, mais conforme á nossa estatura, como aos nossos pensamentos. Sobrevem uma saudade terna dos paizes simples em que fomos creados, da paysagem meã, dos outeirinhos baixos, dos olivedos e das vinhas.

Principia a fazer-se sentir o estio abrazador. Transpiramos exaggeradamente, respiramos

com difficuldade, a cabeça pesa-nos, cheia de tonturas. Ha rebates de febres e panicos, conselhos de amigos, precauções que alarmam. A cada momento nos dizem : Cuidado! E tudo são advertencias : não recolher tarde, não ceiar, não esfriar, não se expôr. Este permanente sobresalto torna a vida desagradavel. Anceia-se pela volta e começa-se a olhar para a vasta enseada e para a sahida da barra com a esperanza de que breve a transporemos. Se qualquer motivo nos prende, perguntamos a nós proprios : Quando, quando será? e se qualquer contrariedade nos obriga a ficar mais tempo do que previramos, sacrificamos tudo para a desfazer. Está tudo visto e não se quer vêr mais. O que se quer é partir, partir.

Não é a nostalgia da patria, é a nostalgia da Europa, de Paris, de Londres, das idéas, dos factos. Os jornaes do paiz não nos interessam. Queremos o *Figaro*, o *Intransigent*, o *Times*, o *Imparcial*, chegados de fresco, com os seus dois rapidos dias de viagem, contando-nos as coisas palpitantes da civilisação. Queremos as ultimas revistas e os ultimos livros, acabados de sahir dos prelos, a palavra dos homens, no

momento de ser emittida, os casos na hora em que se consummaram. Ao Brazil chega tudo tão tarde! Tudo perde novidade, nada tem interesse—Os proprios telegrammas dos jornaes parecem referir-se a factos remotos.

Assim como a natureza, a influencia dos costumes entra de pesar sobre nós. Ha demasiado tumulto, demasiada agitação, gente de mais, palavras de mais. Soffregos de socego, sonhamos as ruas desertas do nosso bairro, do bairro que habitamos *là-bas*, com a sua linda vista sobre uma nesga do Tejo e o seu pregão esmaecendo no ar.. Tanto commercio, tanto negocio, tanto trafico, acabam por nos acabrunhar, e sentimos que nos falta, com a pachorrenta ociosidade da nossa terra, a questõesinha litteraria á meza do caffè e a rica palestra erudita, a deshoras, á luz do gaz.

Os homens já se nos affiguram demasiado palradores, ruidosos e vehementes. — A sua permanente exaltação, os seus olhos em fogo nas suas faces pallidas, os seus pensamentos sempre em insurreição perturbam-n'os como uma demorada ventania ao sol, e já nos tarda vêr as calmas physionomias dos nossos habi-

tuas interlocutores, fallando baixo e devagar, n'uma lingua forte que não seja aquella doce lingua que ha dois mezes escorre pelos nossos ouvidos como um fio derretido de mel.

As mulheres igualmente deixaram de nos interessar, e por ellas, tão pomposas, tão exuberantes, almejamos trocar a simples creatura que nos espera, no seu vestidito de lã, debruçada á costura, sem joias e sem perfumes.

O céu tornou-se demasiado azul; o sol demasiado ardente.

Tudo nos manda partir, volver, deixar a terra da fortuna, pela terra precaria que é dos pobres, mas que é a nossa terra.

E uma manhã partimos.

Como essa manhã nos parece radiosa!

A nossa impaciencia, a nossa inquietação, o nosso despeito — tudo n'um momento passa. Reconciliamos-nos com o Brazil, a que já começavamos a ser hostis, saudamos com jubilo essa terra que, no fim de contas, não nos fez mal algum e nos proporecionou algumas bellas surpresas e quando, ao atravessar pela ultima vez a enseada magnifica, nos virámos para traz a dar um ultimo olhar ás cristas das monta-

nhas, vagamente sentimos-nos penetrados da agreste poesia dos sitios que visitámos, a fresca Tijuca e o pendor do Corcovado, e d'esse paiz immenso e virgem, recolhemos, n'um ultimo adeus, com uma lufada de selva, uma cantante gorgeiada d'aves.

F I M

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).